Ano XIX — Lisboa, Setembro-Outubro de 1963 — N.os 221-222

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA
Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O JUBILEU DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Passou em 6 de Setembro o 50.º aniversário da fundação da Associação dos Escoteiros de Portugal, data que o presente número de «Sempre Pronto» comemora, reconhecendo que a existência dos Escoteiros de Portugal, neste meio século de actividade, foi facto notável, do qual o país recolheu inegáveis benefícios. Fazendo inventário do que de útil se realizou desde 1913 até agora, temos de reconhecer que a A. E. P. bem mereceu o reconhecimento de utilidade pública e a ordem de Benemerência com que foi agraciada.

Tendo como principal objectivo a educação do rapaz, foi nesse campo que a sua acção se afirmou mais eficiente, sendo elevado o número de Antigos Escoteiros, cidadãos conscientes dos seus deveres e ocupando na vida nacional os mais variados cargos e missões de responsabilidade, que vêm espontâneamente testemunhar terem devido ao Escotismo muito da sua personalidade. E um movimento, que tão elevados serviços presta na preparação da gente nova para a vida, necessàriamente deve merecer todo o carinho do público e interesse dos governantes porque realiza obra de alto valor, capaz de exercer efectiva influência nos destinos nacionais se for ampla a sua acção.

É certo que nunca se conseguiu essa amplitude, os nossos efectivos têm sido modestos, exactamente porque não tem sido possível mobilizar os indispensáveis meios de trabalho. Mas a obra feita é palpá-

——→

Recordações e esperanças

PELO REV. EDUARDO MOREIRA

A A. E. P. é, hoje, no tumultuar da vida que dia a dia se renova, um arquivo de recordações e um alfobre de esperanças; porque, sem essas, bem pouco valerão aquelas. Mas o certo é, também, que esperança sem experiência é estrutura sem alicerce.

Certamente está o arquivo sujeito à fraqueza humana, que esquece fàcilmente uns sucessos e avoluma outros; por isso se encontra maior soma de verdade no confronto de impressões para o ajuste de resoluções. Traga cada um a sua pedrita do «puzzle» inteiro, e haja a boa vontade e sageza de as ajustar, a todas elas.

A minha pedra está gasta, por muitos atritos e muitas andanças. Mas relembro alguns factos, não muitos, e alguns tipos, de aqueles que se fixam devido a maior relevo de circunstâncias e de características.

General Madureira Chaves... Barjona de Vasconcelos... Alfredo Tovar de Lemos... Amâncio... Há aí quem, por eles, profira o «Presente», das grandes solenidades?

«Presente»! Presentes na saudade do que passou e dos que passaram, como nós passaremos, que em breve havemos de passar, pois é breve a vida. Breve, mas não fictícia, se a preenchermos com o Dever e o Amor. Isso é escotismo.

Riam-se os rapazes de Barjona, pelas suas excentricidades graciosas; riam-se com amizade, pois era grande a lição de companheirismo e dedicação a um ideal, que ele nos dava. Não é certo que muitas pessoas, muito certas, circunspectas e medidas, como algumas das personagens de Eça de Queirós, vivem circunspecta e mesuradamente só para si?

Ainda tenho no ouvido a inocente ária composta pelo General Madureira, cuja letra, também da sua autoria, era assim: «Portugal, Portugal, Portugal, Portugal, avante, avante, avante!» E seguia no mesmo estilo. Não se dirá que aí fulgura a chispa do génio, mas traz-nos à mente a afirmação de outro General, que foi Imperador dos Franceses: «que a repetição é a mais útil figura de retórica». E que mocidade comunicativa existia nesse homem, ainda depois de tão largo «curriculum vitæ!»

Outros estão quase vivos na nossa memória. Outros ainda, vivos e amigos, acompanham, de perto ou de longe, o movimento que, graças ao Alto, ainda é «movimento», só carecendo de maior impulso e mais cadência e ritmo.

Lá me vejo em passeatas e colóquios nocturnos, pelo Paço da Rainha, a caminho dos respectivos lares, depois de serões da A. E. P., com o Dr. Joaquim Fontes; em discussão alegre e amigável com Alberto Lima Basto, por vezes a propósito do que se chamava a classe dos técnicos e a dos administrativos, «ratos cinzentos», o que criava sem vantagem uma sombra de «luta de classes»; as visitas a Tovar de Lemos, bom amigo que de tão gentil ânimo acedeu e aderiu, e por tantos anos serviu o Escotismo como cabeça e guia; na boa cooperação que tive, no Comissariado do Porto, da parte de Álvaro Dória, que jamais deixou de ser «escoteiro por dentro».

Do Grupo 1, anterior à Associação, que já comemorou o seu meio século, herdou esta, logo de início, o espírito de fraternal tolerância, ensinado e incutido por Horner, Moreton, com outros mais. E se, por vezes, a técnica, a marcha, o campo, enfim o «exterior», parecia abafar a essên-

——→

O JUBILEU DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

vel, preciosa mesmo, no limite do seu desenvolvimento.

Alguém poderá objectar que os Escoteiros de Portugal são hoje pálida chamazinha, bruxuleante, que parece prestes a apagar-se. Mas é chama ainda. E todas as chamas, grandes e pequenas, têm a propriedade comum de poder gerar calor, contagiar, transformar-se em grande facho, incendiar.

Assim é com a Associação dos Escoteiros de Portugal. A sua chama é afirmação de esperança. Esperamos que surja o pulso forte que a empunhe e desenvolva de forma a tornar-se facho que irradie luz através da juventude de Portugal. Esta é, afinal, a nossa esperança ao comemorarmos o Cinquentenário da fundação.

SEMPRE PRONTO, que há quase vinte anos vem dando o seu contributo para que esta chama não esmoreça, saúda a Direcção dos Escoteiros de Portugal neste momento de festa e espera que esta data assinale uma nova etapa de progresso na vida associativa.

«Insígnia do Bosque» e não «Insígnia de Madeira»

O nosso dedicado amigo sr. major Victor José Jimenez, membro do prestigioso Clã Lobo Gris, de Madrid, escrevendo na *Voz Scout*, acerca de traduções de termos escoteiros, tece criteriosas considerações acerca de traduções imperfeitas, algumas das quais têm também a sua aplicação ao português e, entre estas, uma nos pareceu muito pertinente, a que se refere à tradução do termo inglês «Wood Badge». Diz Victor J. Jimenez:

«Mas chegam-nos outras traduções que estamos aceitando, não só com grave desconhecimento do idioma de que procedem, senão, incluso, do castelhano. A «Insígnia do Bosque» chama-se agora «Insígnia de Madeira», porque *wood* é em inglês igual para bosque e para madeira. No entanto, quando B. P. nos fala do colar zulo, diz-nos que é a insígnia do bosque, da selva intrincada em que se desenvolveu a guerra dos boeres, sem argumentar que as contas do colar foram de madeira, senão que era o domínio de «a ciência dos bosques» aquilo que representava».

Parece-nos muito judicioso este reparo, do nosso bom companheiro e dedicado dirigente escoteiro de Espanha. Não terá mais significado Insígnia do Bosque do que Insígnia de Madeira?

FILATELIA

O CENTENÁRIO DA CRUZ VERMELHA

Agora, que se comemoram os cem anos da fundação da Cruz Vermelha, é oportuno recordar que o primeiro selo do mundo dedicado a esta instituição foi emitido em Portugal em 1889.

Tratava-se de um selo de franquia concedida à «Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha», segundo se lia no próprio selo, impresso a negro e vermelho.

Anos depois, outros países lançaram emissões de selos dedicados à Cruz Vermelha, ou com sobretaxas em benefício desta tão humanitária instituição.

Da revista «Blanco y Negro». Espanha

«STAMPOREE»

Parece ter surgido uma nova palavra no vocabulário usado pelos escoteiros. Segundo a revista «Blanco y Negro» realizou-se em 8 e 9 de Junho passado em Brandenton, Flórida, uma actividade filatélica que foi designada como «Stamporee — 1963», palavra formada de *stamp*, (selo) e *oree*, de *Jamboree*, designação dada por B. P. às reuniões internacionais dos escoteiros.

NOVAS EMISSÕES

Grécia

Conforme já tínhamos anunciado, os Correios Gregos emitiram uma nova série dedicada ao Escotismo, por ocasião do Jambori Mundial, constituída pelos seguintes valores:

TAXAS: — 1 dracma

Príncipe Real Constantino, Escoteiro-Chefe-Geral da Grécia.

1,5 dracmas

Retratos de B. P. e do Prof. Lefkaditis, fundador do Escotismo na Grécia.

2,5 dracmas

A insígnia do Jambori

3 dracmas

Vista do Partenon de Atenas em desenho de B. P.

4,5 dracmas

Escoteiro grego com bandeira.

A moeda grega — dracma — tem uma equivalência aproximada ao escudo português.

Japão

Os Correios Japoneses publicaram um selo em homenagem às Guias.

Nigéria

Este mês deverão ser publicados dois selos dedicados ao Escotismo.

Chipre

Provàvelmente será publicada no dia 21 uma série de três valores dedicada ao Escotismo.

Colaboração de Wolfgang Karl

Manuel Tacão Monteiro

Distinguido no 1.º Festival da Canção de Tavira

Em Tavira, a formosa cidade algarvia realizou-se em Agosto o 1.º Festival da Canção, com um interessante concurso de canções regionais a que concorreram diversos artistas muito conhecidos e conceituados. Neste certame, destacou-se o nosso colaborador e amigo sr. Manuel Tacão Monteiro, que concorreu com uma bela canção dedicada a Tavira, letra e música de sua autoria.

O Júri, constituído por três personalidades de muita autoridade, seleccionou oito canções entre as dezenas apresentadas. Na exibição feita em público das canções distinguidas, correspondia o 3.º prémio ao nosso companheiro. A interpretação esteve a cargo da distinta cançonetista Lina Maria, que mereceu entusiásticos aplausos da numerosa assistência.

Após a exibição, um novo júri ali organizado procedeu à classificação das canções e atribuiu a Tacão Monteiro o 4.º lugar, com uma menção honrosa, classificação que mesmo assim muito nobilita o nosso companheiro dado, o nível artístico dos concorrentes

Segundo lemos numa crítica do jornal «República», a acção deste júri foi muito discutida e mereceu fortes protestos do público, tendo originado muita confusão.

Tacão Monteiro, que é autor de diversas canções escoteiras, está de parabéns, pelo que sinceramente o felicitamos.

PÁGINA DO ESCOTEIRO

Cuidado com as canelas!...

No diálogo com o «Chico Patatenra», que publicámos no último número, poisou uma *gralha* que prejudicou a «receita» dada para tratamento das contusões nas canelas. Na segunda coluna, onde se lê: *Tenho na farmácia um frasco com um preparado de álcool FRACO e bagos de eucalipto*, deverá ler-se *álcool PURO, e bagas de eucalipto.* Portanto: álcool puro e não fraco.

Recordações e esperanças

cia moral do grande Ideal Escoteiro, as robustas raízes impediram que a planta «melasse», estiolasse e se tornasse bastarda.

Que mais direi? Antes eu me fique por aqui, dando trabalho às mentes juvenis, no aflorar das tais esperanças de que falei no princípio, vivendo, um pouco da experiência dos «mais velhos», ou melhor, dos «menos novos».

EDUARDO MOREIRA

O centenário da fundação da Cruz Vermelha

Comemora-se o Centenário da Fundação da Cruz Vermelha, movimento que se estende a mais de quarenta nações, numa organização de voluntários de todas as raças, crenças e opiniões. Os objectivos humanitários da Cruz Vermelha são bem conhecidos, pois este movimento tem feito sentir a sua abnegada presença em todas as grandes calamidades, tanto na guerra como na paz, levando os governos a subscreverem leis internacionais, salvaguardando a dignidade da pessoa humana, mesmo em caso de guerra.

Podemos dizer que os ideais da Cruz Vermelha são a aplicação ampla dos ideais escoteiros. Dada esta afinidade de ideais, não pode «Sempre Pronto» deixar de registar nas suas colunas o centenário que se comemora. Mas para falar na fundação da Cruz Vermelha é forçoso falar de Henry Dunant, o homem em cujo espírito surgiu a luminosa ideia e devotadamente se lançou à difícil tarefa de criar o movimento que levaria a toda a parte a filantrópica acção de *auxiliar o próximo em todas as circunstâncias,* como diz o mandamento escoteiro.

Henry Dunant, de nacionalidade suíça, nasceu em 8 de Maio de 1828 na cidade de Genebra, no bairro vizinho da Catedral de S. Pedro, num local que ficava entre o bairro das famílias abastadas da cidade e o bairro da gente pobre. Esta circunstância deve ter tido influência na vida de Dunant, porquanto, pertencendo a uma família de banqueiros, teve sempre especial interesse pelos desprotegidos, no que aliás seguia as pisadas dos seus progenitores. Seu pai tomara ao seu cuidado os órfãos da cidade e sua mãe convidava crianças pobres para passarem alguns dias na cidade, vestindo-as e cuidando delas com todo o carinho.

O próprio Henry Dunant foi membro da Sociedade para a Distribuição de Caridade e visitava todos os domingos as prisões, confortando e aconselhando os detidos, lendo e explicando passagens da Bíblia, de que era intérprete entusiasta.

Duas mulheres exerceram grande influência no espírito e ideais de Dunant. Uma foi Harriet Beecher Stowe, autora do célebre livro «A Cabana do Pai Tomás», obra que alcançou uma centena de edições no primeiro ano de publicação e exerceu influência decisiva na vida dos Estados Unidos, contribuindo para a emancipação dos escravos. O presidente Lincoln disse uma vez a respeito desta senhora: *Aqui está uma mulher pequena que deflagrou uma grande guerra.* Quando esta senhora visitou Genebra, o General Dufour, dirigente político suíço, proporcionou um encontro com Dunant.

Por esta mesma data, outra extraordinária mulher dava excepcional alento aos ideais humanitários de Dunant. Florence Nightingale, jovem britânica, tivera a coragem de romper com preconceitos sociais, que consideravam deprimente o serviço hospitalar, ingressando como enfermeira em hospitais ingleses e promovendo neles reformas profundas, encontra-se agora nos hospitais de sangue da Guerra da Crimeia, onde levando de vencida regulamentos militares duros e rotineiros e obstruções de chefes militares habituados à insuficiência e atraso, conseguia transformar esses hospitais, de espeluncas onde imperava a mais horrível imundície e desmazelo, em estabelecimentos acolhedores, servidos por um grupo de enfermeiras que a própria Nightingale seleccionara em Inglaterra e chefiava com um espírito infatigável, cheio de simpatia humana. A obra que esta heróica mulher realizou na Crimeia empolgou o povo britânico e encheu o mundo de profunda admiração. O próprio Dunant, discursando em 1872, em Londres, afirmava perante numeroso público: *Embora seja eu a pessoa conhecida como fundador da Cruz Vermelha, é a uma mulher inglesa a quem essa honra deve ser concedida, porque foi o trabalho de Miss Nightingale, na Crimeia, que me inspirou.*

A Batalha do Solferino

Apesar dos altos ideais de Dunant, este não pôde naturalmente alhear-se dos negócios de sua casa, não só porque tinha o dever de trabalhar mas até mesmo para obter os recursos que lhe permitiriam fazer face às responsabilidades de sua vida. Com a finalidade de obter certa concessão industrial de Napoleão III, Dunant viajou para a Itália onde o Imperador se encontrava em apoio daquela nascente nação na sua guerra contra a Áustria.

→

HÁ 40 ANOS

Existiu em Lisboa um Grupo n.º 6

Quando hoje ouvimos falar do Grupo n.º 6 dos Escoteiros de Portugal, todos pensamos no grupo de Olhão, unidade que tem tido uma vida de actividade intensa, que desejamos ver continuada nos anos que se seguem.

Mas há precisamente 40 anos existia em Lisboa um Grupo n.º 6, que teve a sua sede na escola primária da Associação de Beneficência da Freguesia da Encadernação, sita na Rua do Teixeira, no Bairro Alto. Era presidente da direcção desta instituição o sr. dr. Alfredo Tovar de Lemos.

A apresentação deste grupo foi feita numa festa que se realizou na Tapada da Ajuda em 9 de Setembro de 1923, sendo seu escoteiro-chefe o activo dirigente sr. Alberto Lima Basto, ainda hoje dedicado assinante de «Sempre Pronto». Por ocasião dessa festa, houve um desfile de todos os grupos presentes, que se deslocou pelo menos até Santo Amaro, tendo os escoteiros sido muito aclamados junto da estação dos carros eléctricos, segundo se recorda um lobito deste grupo que nesta festa prestou a sua promessa, hoje o nosso colaborador dedicado sr. Luís Simões Aurélio, porta-bandeira nesse desfile.

É ainda este nosso amigo quem se recorda de que os fardamentos para os lobitos foram feitos pela sr.ª D. Isabel Grau Tovar de Lemos, esposa do sr. dr. Tovar de Lemos e saudosa mãe do sr. Luís Grau Tovar de Lemos, que foi sempre muito dedicada e interessada no Movimento.

Em 20 de Setembro desse ano, o sr. Lima Basto pediu a demissão de chefe do grupo, tendo sido substituído pelo sr. Carlos Centeno, um escoteiro-chefe de muito valor, que infelizmente já faleceu.

Este grupo era constituído por uma Alcateia, visto os seus membros serem alunos da Escola Primária e, portanto, com idade para lobitos. A sua actividade deve ter cessado por volta de 1924.

Conhecemos, portanto, dois dos seus antigos membros. O primeiro Escoteiro-Chefe e um Lobito. Dos antigos lobitos haverá mais algum que ainda hoje acompanhe de perto ou de longe a actividade dos escoteiros e afirme *uma vez escoteiro sempre escoteiro?*

Aqui fica a pergunta.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

O centenário da fundação da Cruz Vermelha

Em 24 de Junho de 1859, sete unidades do exército autríaco atacaram cinco unidades que marchavam sob os estandartes da França e Sardenha, perto de Solferino. A luta travou-se sob um sol ardente e 250 mil homens foram envolvidos nesta batalha selvagem. Depois de 24 horas de combate, 40 mil feridos jaziam no meio da maior confusão.

Procurando chegar junto do Imperador, Dunant foi surpreendido por este horrível quadro e esqueceu a missão que ali o levava para só ver homens em sua volta que careciam de auxílio imediato. Sòzinho, lançou mãos à obra logo de manhã e constituiu um facto incrível encontrar um civil envergando impecável fato tropical branco envolvido por soldados com fardas das mais variadas cores. O seu abnegado acto e as suas calorosas palavras despertaram a atenção e o entusiasmo de outros homens. Pela tarde, tinha recebido inúmeras e expressivas ofertas e dispunha de um corpo de voluntários de 300 homens. Ao grito de *tutti fratelli* (todos são irmãos!) cada um daqueles homens tinha socorrido uma centena de soldados gravemente feridos.

A imagem da batalha de Solferino impressionou profundamente o espírito de Dunant e radicou o firme propósito de lançar uma campanha para que se constituísse um movimento internacional tendente a salvaguardar a vida e dignidade humanas, levando os governos a aceitarem normas internacionais para socorro aos feridos em caso de guerra. Escreveu por isso um livro — «Un souvenir de Solferino» — no qual honestamente descrevia os horrores que tinha presenciado e fazia este apelo: *Não seria possível estabelecer organizações de voluntários que cuidassem dos feridos em tempo de guerra?* E noutro passo: *Um soldado que serve e defende a sua pátria não terá o direito de clamar pelo cuidado da sua pátria para com ele?* Procurava desta maneira atrair a atenção dos homens de estado, de forma a que sentissem responsabilidade na salvaguarda da vida daqueles que caíam nos campos de batalha.

Nasce a Cruz Vermelha Internacional

Aproveitando o êxito do seu livro, procurava Dunant estudar planos para a fundação do organismo que idealizava. Entretanto, começaram a chegar as adesões e ofertas de cooperação. O cirurgião suíço, Dr. Appia, amigo e companheiro de Dunant, que tinha já trabalhado como cirurgião de campo na batalha da Lombardia, ofereceu-lhe os seus serviços como médico.

O notável dirigente suíço General Dufour agradeceu a Dunant a maneira clara como tinha apresentado o lado trágico da guerra e pediu-lhe que prosseguisse sem desfalecimento, afirmando: *Alcançaremos êxito se os amigos da humanidade em cada país se dispuserem a trabalhar em conjunto.* Foi ainda este general quem deu uma carta de apresentação para Napoleão III, apoiado em quem Dunant desenvolveu uma grande actividade fazendo chegar as suas ideias junto de diversos governantes. Depois disto, Dunant recebeu manifestações de apoio de soberanos de diversas nações, de médicos e outras entidades influentes. O Rei da Saxónia afirmou-lhe: *Qualquer nação que se não mostrasse disposta a prontamente tomar parte neste humanitário trabalho, devia ser lançada ao ostracismo pela opinião pública da Europa.*

Estas manifestações permitiram realizar diversos contactos pessoais e reuniões preparatórias, até que o Conselho Federal Suíço enviou um convite para um Congresso a principiar em Genebra em 8 de Agosto de 1864. Responderam ao convite, enviando representantes, dezasseis nações. A assembleia esteve reunida durante duas semanas e no final foi publicada a Convenção de Genebra. Por este documento, as nações comprometiam-se a reconhecer como neutral, em tempo de guerra, o pessoal dos serviços médicos e a Cruz Vermelha foi considerada um organismo internacional de socorro militar. Dentro dos quatro anos seguintes todas as nações europeias tinham subscrito a Convenção de Genebra.

Por esta forma, Dunant via realizado o seu sonho e a sua larga visão adoptada como lei internacional. Este grande êxito fora conseguido apenas passados cinco anos sobre a data de Solferino e dois anos depois da publicação do seu livro. Poucas vezes se conseguiram tão rápidos resultados em matéria de cooperação internacional. Em sinal de gratidão para com a pátria de Dunant, foi adoptada para insígnia da Cruz Vermelha a bandeira nacional suíça, com as cores invertidas: Cruz vermelha sobre fundo branco.

→

ANTIGOS ESCOTEIROS

Fraternal Internacional de Antigos Escoteiros e Antigas Guias

Do Relatório apresentado à última Assembleia Geral, que se reuniu em Castelgandolfo, Itália, em Julho passado, transcrevemos alguns tópicos atendendo uma sugestão que nos foi feita pelo Sr. Albano da Silva, secretário da antiga Direcção da nossa Fraternal, cujo mandato terminou há muito tempo. Aguarda-se agora a convocação da Assembleia Geral para eleição dos Corpos Gerentes, como é de esperar num organismo com os princípios e finalidades dos Antigos Escoteiros.

NOVOS MEMBROS

A Fraternal das Filipinas foi filiada em 20 de Maio de 1962, depois de admitida por voto expresso pelas associações membros através de correspondência.

Na Nova Zelândia realizou-se em 1962 a primeira reunião de um Conselho de ligação. No Ceilão também foi constituído um Conselho de ligação para constituir uma Fraternal.

CONFERÊNCIAS REGIONAIS

A 6.ª Conferência Regional das Fraternais dos países nórdicos realizou se em Trondheim, na Noruega, em Julho de 1962, tendo tomado parte 205 escoteiros adultos.

A 3.ª Reunião regional dos países do Benelux, Grã-Bretanha e Irlanda efectuou-se em Foxlease, Grã-Bretanha, em Outubro do ano passado. Entre os assuntos discutidos destacamos: O recrutamento de antigos escoteiros e de antigas guias torna-se particularmente difícil entre os 20/25 anos e 35 anos, porque é o momento de constituir família, assegurar a vida profissional, participar em actividades políticas, problemas a que se dedicam os mais claros esforços. É no entanto conveniente que estes antigos tomem conhecimento da existência da Fraternal, a fim de que possam ser admitidos quando lhes for oportuno.

As actividades sociais das Fraternais modificam-se, particularmente nos países muito desenvolvidos, onde a vida social assume diversas tarefas. O serviço das Fraternais nestes países orienta-se no sentido de estabelecer contactos pessoais com pessoas que estão isoladas e vivem por qualquer circunstância à margem da vida corrente (velhos, doentes, estropiados, deficientes, etc).

FRANÇA

A Fraternal deste país informa que o seu trabalho se desenvolveu durante o último ano.

SUÍÇA

A Liga de S. Jorge (designação da Fraternal) celebrou o seu 10.º aniversário com um encontro de um dia. O Padre Pire, Prémio Nobel da Paz, fez uma exposição interessante e estimulante.

GRÃ-BRETANHA

A Fraternal deste país fez um esforço magnífico para recolha de fundos a favor de

→

DOS AÇORES

Grupo n.º 52 da A. E. P.—Angra do Heroísmo

Acampamento das Fajãs

Pelo terceiro ano consecutivo, realizou-se o acampamento anual dos Escoteiros do «Troop 1-Boy Scouts of America» (Camp TAHLEQUAH), no lugar das Fajãs, de 21 de Junho a 5 de Julho passado.

Além do grupo americano, esteve em campo, como habitualmente, o Grupo n.º 52 com o seu chefe.

Também tomaram parte no acampamento os grupos do C. N. E., da B. A. 4, (5 dias) e Porto Judeu (uma semana).

Reunião mensal do Grupo 52 com homenagem a um dirigente americano

Na reunião mensal em 14 de Julho passado, foi homenageado o dirigente americano, Sr. E. C. Alford Jr., pela sua simpática colaboração com os Escoteiros Portugueses, e nomeadamente pela sua actividade no sentido de assegurar a continuidade da B. A. colectiva do Natal do Grupo 52 e do Troop 1-BSA.

No plano local, Sr. Alford recebeu o diploma de sócio honorário do 52, das mãos do chefe Moniz Silva, que fez o elogio do homenageado.

No plano nacional, foi entregue ao Sr. Alford uma fotocópia do ofício do sr. secretário Geral da AEP, em que se confirma a concessão por proposta do chefe Moniz Silva, da Medalha de Agradecimento, Classe Prata, com que foi agraciado pela AEP, mas que, por deficiência de comunicações, ainda não chegara naquela data.

Só a 22 de Julho foi finalmente entregue a medalha ao Sr. Alford, pelo Chefe do 52 que se deslocou propositadamente ao Aeroporto das Lajes (BA4), onde procedeu à respectiva imposição, durante uma reunião do Grupo Americano. O Sr. Alford regressou aos Estados Unidos no dia 25.

Na reunião do dia 14, foram entregues vários diplomas de 2.ª e 3.ª classes e executou-se um programa de canções, recitações, etc., falando, além do chefe Moniz Silva, o secretário do grupo, prof. Leopoldino Tavares.

Estiveram presentes vários membros da Direcção do 52 e a esposa do Sr. Alford.

Bodas de Prata Matrimoniais

Comemoraram as suas Bodas de Prata matrimoniais, no dia 16 de Julho, o chefe J. R. Moniz Silva do grupo 52 da AEP, e sua Esposa, sra. D. Ilda de Ávila Moniz Silva,

O acontecimento foi assinalado por uma cerimónia intima, na Paroquial de Santa Luzia de Angra do Heroísmo, que terminou com a bênção das alianças pelo Rev. Pe. David B. Couto. — C.

---

21 obras de caridade, sendo uma delas a Campanha contra a Fome. Também redobrou de esforços para reunir as prometidas 25 mil libras a favor da Casa de Baden-Powell. Entretanto, numerosos antigos e antigas têm reassumido cargos no escotismo e no guidismo activos.

NORUEGA

A Fraternal criou um «Banco do «Selo» em benefício da organização. Foi também criado o Fundo de S. Jorge destinado a auxiliar os Escoteiros e Guias Noruegueses.

O centenário da fundação da Cruz Vermelha

Henry Dunant teve a satisfação de sentir o reconhecimento público pela obra que tinha promovido. Durante 1860 mais de uma dezena de nações o homenagearam galardoando-o com altas condecorações e ordens.

A Cruz Vermelha tornou-se progressivamente uma instituição prestigiosa no mundo, mas Henry Dunant, o homem de ideal, passou dias difíceis. A tarefa que tinha conseguido realizar exigiu muito trabalho e dedicação. Inteiramente absorvido pelos seus humanitários propósitos, Dunant descurou a sua vida particular, os seus negócios, que passaram a correr mal. Enquanto era homenageado por toda a parte, teve de comparecer perante o tribunal do comércio da sua terra, que lhe foi desfavorável, considerando-o em estado de falência, pelo que todos os seus bens foram arrestados para satisfazer as reclamações dos credores. Dunant, pobre e envergonhado, abandonou Genebra para sempre. Durante dez anos viajou de cidade para cidade, passando privações, dormindo muitas vezes em salas de espera de estações de caminho de ferro, ao ar livre, em bancos de jardim. Como ele próprio mais tarde confessou, sentia que, tal como Jesus, não tinha onde reclinar a cabeça. O mundo esquecia o homem que tinha contribuído para salvar milhares de infelizes e que tantas vezes socorrera aqueles que se encontravam em aflição.

Só mais tarde a família de Dunant lhe concedeu um subsídio mensal de cem francos, importância que a custo chegava para viver em modestas circunstâncias. Escolheu então para residir um lugar aprazível junto do Lago Constança, denominado Heiden, onde se hospedou em Julho de 1887 numa pequena pensão.

Um dia foi apresentado a um médico da localidade, o Dr. Altherr, que, ao saber que se encontrava perante o homem que instituíra a benemérita Cruz Vermelha, ficou assombrado. Julgava-o morto, porque nunca mais ouvira falar de tão generosa individualidade. Sensibilizado pela presença deste homem de 60 anos, de barba branca, ele e sua mulher convidaram-no para o seu Hotel Freihof. Mas Dunant não era já hóspede agradável. Estava doente, cansado, o sistema nervoso abalado, não suportava qualquer ruído e tinha frequentes acessos de furor, atacando violentamente a Igreja e o Estado. Apesar disso, porém, passadas estas crises, a sua presença era agradável e o seu espírito simples como o de uma criança. O médico conseguiu depois um aposento para Dunant no Hospital do Distrito.

Novas manifestações para com Dunant

Mas não estava completamente esquecido o grande Dunant. Um jornalista, Georg Baumberger, chamou a atenção do público no *Zürcher Nachrichten* para a injustiça praticada contra Dunant permitindo que ele conhecesse a desgraça em consequência da decisão do tribunal de comércio e as suas criteriosas palavras começaram a ser escutadas. Em 1901, Dunant recebia a última grande homenagem, sendo-lhe concedido o Prémio Nobel da Paz. Muito embora tenha compartilhado o prémio com um pacifista francês, os cem mil francos de sua parte era suficientes para remover todas as suas dificuldades. Mas ele recusou firmemente tirar qualquer benefício pessoal do prémio, tendo oferecido esse dinheiro, que lhe era tão necessário, à Cruz Vermelha Suíça e Norueguesa. Dunant era generosamente grande até aos últimos momentos.

Depois disso, ainda tentou escrever a história da Cruz Vermelha, mas a sua saúde já não permitia tamanho esforço. Faleceu no domingo, 30 de Outubro de 1910. O nome de Henry Dunant ficou escrito em letras imorredouras na história da humanidade como exemplo de dignidade e amor pelo próximo. A Cruz Vermelha, após um século de profícua acção benemérita e humanitária na paz e na guerra, nos grandes desastres e nas pequenas ocorrências do dia a dia, merece o respeito e a gratidão dos homens. E é essa ainda a maior homenagem que se pode prestar a Dunant.

Há 9.366.962 Escoteiros no Mundo

A Repartição Mundial de Escotismo informou que está encerrado o censo dos Escoteiros no Mundo respeitante a 31 de Dezembro de 1962, tendo-se apurado que o movimento tinha 9.366.962 membros no activo, o que representa um aumento de 490.255 membros (5,5 %) em relação ao último censo de há dois anos.

Neste número não está incluído o efectivo da associação feminina que constitui um movimento autónomo.

Pequena Crónica de Lisboa

A BAIXA

Vou à Rua dos Fanqueiros, vou à Rua Augusta ou, muito simplesmente, vou à Baixa, expressão esta muito corrente no vocabulário alfacinha, com que se designa o vasto aglomerado citadino que no sentido norte-sul se situa entre o Rossio e o Tejo e, no sentido nascente -poente, se confina entre a Rua dos Fanqueiros e as Ruas Novas do Almada e do Carmo.

É esta vasta zona a «Baixa» da reconstrução pombalina, geomètricamente traçada e arrumada, bem diferente da que existia e o terramoto do 1.º de Novembro de 1755 arrasou, complicado labirinto de ruas, ruelas, becos e travessas lançadas a esmo e de entre as quais sobressaíam, então, pela sua imponência e importância as duas principais artérias da cidade, as chamadas Rua Nova e Rua Nova dos Mercadores.

Eis como Damião de Góis, o célebre cronista da «Lisboa de Quinhentos», nos descreve estas duas ruas, narrativa da qual se infere o largo papel que ambas desempenhavam na Lisboa do século XVI, então vasto empório comercial em consequência das jornadas gloriosas das descobertas:

«(...) Passando ao longo da Rua Nova, onde abundam os gravadores, joalheiros, ourives, douradores e casas de escambo, voltando sempre à esquerda, chega-se a outra rua chamada também Rua Nova dos Mercadores, muito mais vasta do que as outras ruas da cidade, adornada, dum lado e doutro, com belos edifícios. Aqui se juntam, todos os dias, os comerciantes de quase todos os povos e partes do mundo, com extraordinário concurso de gente, por causa das facilidades que o comércio e o porto oferecem».

Elaborado o plano de reconstrução da cidade, que não foi tão rápida como muitos julgam, pois vinte anos decorridos sobre o Terramoto ainda se notavam vestígios do cataclismo, fez o Marquês de Pombal publicar o decreto de 5 de Novembro de 1760, pelo qual se ordena a distribuição dos vários ramos do comércio e dos ofícios a incluir nas ruas da Baixa.

Duzentos anos passados sobre tal disposição, não deixa de ser curioso notar que de todas as ruas de então, duas há onde hoje o comércio se exerce quase de acordo com o citado decreto, mantendo a tradição que o mesmo instituiu. São elas as ruas dos Fanqueiros e da Conceição.

À primeira destas ruas chamava o decreto Rua Nova da Princesa e nela ficariam as lojas de lençaria e fancaria e os quinquilheiros. Em fins do século XVIII a rua passou a chamar-se Nova dos Fanqueiros e, mais modernamente, apenas dos Fanqueiros.

É notável a tradição comercial desta rua já designada em 1552 por «A Fancaria» e que ficava, pouco mais ou menos, no mesmo sítio que hoje ocupa.

Posteriormente ao século XVI, esta rua ainda apareceu designada, por divisão, em Rua da Fancaria de Cima e Rua da Fancaria de Baixo.

Ocupemo-nos agora da Rua da Conceição. Era esta destinada aos mercadores das lojas de retrós. Chamou-se também Rua Nova da Conceição, mas o alfacinha, propenso a designar as coisas pelo lado prático, passou a chamar-lhe dos Retroseiros, nome pelo qual ainda hoje é conhecida não obstante o letreiro camarário lhe manter o topónimo «da Conceição». Nesta rua, como todos sabem, ainda se mantém, na sua maior parte, o comércio de retrosaria.

Quanto às restantes ruas da Baixa, acha-se hoje o comércio disperso nos mais variados ramos de actividade. Contudo, não deixa de ter interesse, quanto a nós, dar a conhecer ao leitor, sobretudo àquele curioso das velharias e histórias de Lisboa, as disposições do decreto de Pombal, o que faremos apenas no tocante às três principais que cortam a Baixa no sentido norte-sul, as ruas do Ouro, Augusta e da Prata.

Tal, porém, não significa que todas as outras ruas que ficam no olvido não tenham o seu interesse particular histórico e evocativo, todavia a sua pormenorizada descrição, por serem bastante numerosas, ultrapassaria o âmbito desta pequena crónica.

Definida esta orientação, comecemos pois pela Rua Áurea, que também se chamou dos Ourives do Ouro, dos Ourives, e, apenas do Ouro, nome pelo qual é ainda hoje designada, embora o topónimo oficial seja o de Rua Áurea, como era referida no citado decreto que determinava que nesta rua teriam assento as lojas de ourives e relojoaria.

Vem, em seguida, a Rua Augusta na qual ficariam alojados os mercadores de tecidos de lã e de seda. Determinava ainda esta disposição pombalina que na Rua Bela da Rainha, hoje e desde há muitos anos conhecida pela Rua da Prata, ficassem instaladas as lojas dos prateiros ou ourives da prata e os livreiros.

Centro comercial estuante de vida cujo coração palpita no Rossio, a vasta praça que, por si só, merece crónica àparte, a Baixa é, e continuará sendo, a despeito do constante crescimento de Lisboa que cada vez mais dela se aparta, o ponto nevrálgico da vida citadina desta formosa urbe que se mira ufana nas águas espelhantes do Tejo, que ali, ao Terreiro do Paço, a vem contemplar e render homenagem à majestade incomparável desta bela praça pombalina.

Luís Simões Aurélio

Pequena Crónica de Lisboa

OLISIPO, boletim trimestral do Grupo «Amigos de Lisboa», fez o seguinte registo na secção «Feira da Ladra» do seu número de Abril passado:

A BEM DE LISBOA

No mensário escotista Sempre Pronto *vem o nosso consócio Sr. Luís Simões Aurélio publicando na secção «Pequena Crónica de Lisboa» uns interessantes artigos sobre monumentos da capital.*

Bem haja o nosso consócio por esta divulgação cultural tão da índole dos nossos propósitos.

E. N.

Agradecemos a amabilidade da referência.

«Sempre Pronto»

Em Vila Real de Santo António

Sempre Pronto tem sido representado em Vila Real de Santo António pelo nosso bom amigo sr. José Manuel Pereira, chefe do Grupo n.º 60 dos Escoteiros de Portugal, que, como nosso Agente-Correspondente, nos prestou relevantes serviços, sempre interessado na expansão do jornal e procurando que os nossos leitores estivessem informados das actividades escoteiras naquela região.

Este nosso colaborador, por motivo das suas muitas responsabilidades, não pôde prosseguir no desempenho do referido cargo, pelo que acaba de nos pedir a sua substituição. Não o fez, porém, sem nos indicar um substituto capaz de assegurar a nossa representação.

O elemento escolhido, que acaba de ser nomeado nosso Agente-Correspondente, é o Caminheiro sr. Romualdo António da Palma Pescada, membro daquele mesmo grupo, um jovem cheio de entusiasmo e boa vontade, que está pronto a cooperar na divulgação de *Sempre Pronto*, e que temos o prazer de apresentar aos nossos estimados leitores.

Felizmente que *Semnre Pronto* não perde a cooperação de E. C. José Manuel Pereira, porquanto o contamos entre os colaboradores apreciados da nossa Redacção, particularmente da secção de Filatelia, e podemos contar com a sua dedicação e simpatia.

O 11.º Jambori Mundial



Constituiu mais uma confortadora jornada de amizade e autêntica fraternidade o Jambori Mundial, que se reuniu de 1 a 11 de Agosto, na Grécia, na célebre planície da Maratona, que se viu transformada numa enorme cidade de lona, que acolhia 14 000 escoteiros das representações oficiais de 86 países, além dos visitantes e daqueles que foram ao Jambori sòmente para prestar serviço. O Príncipe real da Grécia, um jovem de 23 anos, escoteiro-chefe geral do Escotismo Grego, permaneceu no acampamento, tendo erguido a sua tenda onde se via o pavilhão real.

Foi o Príncipe Constantino quem oficialmente declarou aberto o Jambori, no dia 1 de Agosto. A cerimónia foi iniciada com o característico toque do chifre de cudo, que B. P. usou em Brownsea, no célebre acampamento que serviu de experiência ao Escotismo, há 57 anos. Após o toque, acenderam-se sucessivamente chamas simbólicas junto às insígnias dos dez jamboris anteriores, acto que foi assinalado por um entusiasmo indiscritível dos milhares de escoteiros presentes. Ao acto assistiu o corpo diplomático, ministros e muito povo de Atenas.

Quando se acendeu a chama e se citou o último acampamento, o 10.º, realizado nas Filipinas em 1959, todos os escoteiros irromperam numa estrondosa e espontânea ovação, manifestando assim a sua simpatia pelo Escotismo daquele país, duramente atingido pelo trágico desastre de um avião «Comet» que caiu a caminho do Jambori, tendo-se perdido toda a delegação das Filipinas, 24 escoteiros, nota triste que todos os escoteiros acampados sentiram profundamente.

O Príncipe Constantino terminou o seu discurso inaugural afirmando: *Este nosso Jambori deve ser simbólico para o mundo por ser um centro autêntico de felicidade e paz.*

A sessão de abertura, que terminou já de noite, foi coroada por um brilhante fogo de artifício.

A visita dos Soberanos Gregos

No dia 6, o acampamento foi visitado pelos soberanos gregos, o rei Paulo e a rainha Frederica, que se faziam acompanhar da princesa Ana Maria, da Dinamarca, noiva de Constantino; e ainda de outros membros de sua família. Os soberanos e comitiva tomaram lugar num estrado levantado na Praça das Nações, na qual se encontravam dirigentes do Escotismo Mundial e Corpo Diplomático, tendo sido acolhidos pelos acordes de bandas folclóricas e militares, que executavam marchas escoteiras. Estiveram ainda presentes cerca de 60 mil visitantes, muitos dos quais envergavam o trajo típico do seu país.

Seguidamente as delegações desfilaram perante os soberanos, num espectáculo cheio de cor e de vida, pois os rapazes manifestavam-se, ao passarem junto à tribuna, com os seus característicos gritos, lançando ao ar os seus chapéus. Até ao cair da noite não deixaram de cessar os gritos entusiásticos, enquanto os visitantes percorriam os diversos subcampos.

No final, o Rei Paulo recebeu, como lembrança dos escoteiros, a insígnia do 11.º Jambori em ouro maciço.

A vida do acampamento

Além das visitas e troca de recordações entre os escoteiros, bem como festas que cada delegação promovia, para as quais sempre eram feitos convites a escoteiros de outros países, realizaram-se no acampamento diversas demonstrações, bem como jogos e fogos de conselho. Uma das actividades mais interessantes foi a designada — Talento-o-Roma — exibição que se fazia todas as tardes e em que escoteiros de diferentes nações apresentavam as suas mais diversas habilidades. Isso possibilitou um útil intercâmbio de conhecimentos, pois uma delegação apresentava a maneira engenhosa de construir uma torre, outra uma ponte, uma mesa, métodos de primeiros socorros, cozer ovos sem utensílios, artesanato, etc. etc.

O encerramento

À cerimónia do encerramento assistiu Lady Baden Powell, viúva do Fundador, tendo presidido o Príncipe Constantino. Estiveram também presentes o ministro da Educação, Christofer Stratos, e os chefes das forças armadas helénicas.

No discurso de encerramento, o Príncipe disse: «Parti animados de novo zelo pelo escotismo e pelo vosso país. Levai convosco a mensagem da Grécia. Levai a chama do escotismo, a chama da compreensão e da fé no mundo de amanhã». Depois de exaltar o ideal escoteiro, terminou: «A Maratona do passado recorda uma grande vitória, mas a Maratona de hoje tem o sentido de uma vitória da paz. Estamos decididos a viver segundo o nosso ideal: *mais alto e mais além*. Devemos preparar um mundo de compreensão». Declarou depois o Jambori encerrado e passou o archote simbólico a um representante dos Estados Unidos, nação que se oferece para acolher o 12.º Jambori Mundial em 1967.

Todos os participantes entoaram o hino do Jambori e renovaram a Promessa, cada um em sua língua. E o acampamento terminou numa arrebatadora manifestação de alegria, que se prolongou noite fora, numa troca de saudações de despedida entre os membros das diferentes delegações expressiva afirmação de boa amizade e entendimento entre a juventude de diferentes raças, crenças e opiniões.

Curiosidades do Jambori

O calor fez-se sentir fortemente durante todo o acampamento, já que o vivo sol grego afirmou sempre a sua presença. Por isso o consumo de água foi extraordinário, recomendando mesmo os dirigentes do campo que cada rapaz bebesse pelo menos 2 litros diários. O abastecimento de água ao acampamento custou o equivalente 1 450 contos.

Foram consumidos 4550 litros de leite, oferecido pelos norte americanos; 8 toneladas de carne, 5 toneladas de peixe, 10 toneladas de vegetais enlatados, 4 toneladas de batatas e 10 toneladas de fruta.

Os rapazes gastaram o equivalente a 8 700 contos em mapas e outras recordações, tendo adquirido cerca de 3 000 discos, na maioria com canções do Jambori e escoteiras.

O maior contingente, 1 498, foi da Inglaterra, seguida da França com 1 200, da Grécia com 1 000, da Dinamarca com 650. Portugal teve 30 escoteiros do C. N. E., a Espanha, cuja representação não é oficial, teve 17 presenças. Mas países houve, como o Gana e o Haiti, que enviaram um único representante.



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

19.ª Conferência Mundial do Escotismo

Conforme estava anunciado, realizou-se na ilha de Rodes, na Grécia, de 12 a 19 de Agosto passado, esta conferência na qual são tomadas as grandes deliberações acerca do Escotismo Mundial, na base das q ais trabalha o Conselho Mundial e a Repartição Mundial. As decisões tomadas nesta Assembleia são depois recomendadas às associações nacionais. Compete também a esta Conferência a admissão de novos membros e, eventualmente, a demissão de antigos membros quando tenham deixado de adoptar os princípios básicos do Escotismo Mundial.

Portugal esteve representado na 19.ª Conferência Mundial pelo sr. Eng.º José Maria Nobre Santos (Escoteiros de Portugal) e pela representação do C. N. E.

O próximo Jambori será nos Estados Unidos

Entre as deliberações tomadas nesta Conferência, destaca-se a que diz respeito ao próximo Jambori Mundial, tendo sido aceite o convite dos E. U. da América para que o 12.º Jambori ali se realize. O facto não pode deixar de constituir um grande acontecimento, porquanto um jambori realizado naquela grande nação se revestirá de grande relevo e congregará, certamente, muitos milhares de escoteiros de todos os países. Lembramos que os dois Jamboris que até agora reuniram maior número de participantes foram o da França (1947) e o da Inglaterra (1957), que tiveram cerca de 40 mil escoteiros, excluídos os visitantes. É de prever que em 1967, na América, o número de presenças seja ainda maior.

20.º Conferência Mundial

Foi decidido aceitar o convite do México para que esta Conferência se reúna em 1965 naquele país. Em 1967, por ocasião do Jambori, a 21.ª Conferência reunirá nos Estados Unidos.

Outras Deliberações

Foram eleitos para servir no Conselho Mundial até 1960, os dirigentes srs. H. Bourreau (França) N. M. Khan (Paquistão), C. C. Mojekwu (Nigéria), G. J. Vollmer (Venezuela). Foi também reconduzido ao cargo de tesoureiro o tenente-coronel Charles Petch.

Lady Baden-Powell foi reconduzida por mais dois anos ao cargo de Vice-Presidente Honorário do Conselho Mundial.

Em reconhecimento dos serviços prestados, foram condecorados com o Lobo de Bronze os seguintes dirigentes:

D. Alexatos (Grécia),
J. F. Colduhoun (Inglaterra),
J. D. Stewart (Inglaterra).

O quinquagésimo aniversário da

RECORDANDO

PELO E. C. ERNESTO DE SOUSA

Que data tão querida ao coração de todos aqueles que lidaram pelo engradecimento da Pátria, que lhes serviu de berço, através da causa das mais nobres da civilização — o Escotismo?

Que recordações tão preciosas dos inúmeros esforços por uma mocidade mais forte e mais digna do Amado Portugal! Foi, com efeito, como que a alvorada duma nova era na qual o jovem compenetrando-se na utilização prática e realística dos seus deveres, se esforçava dignamente por atingir o alvo mais elevado do ser humano — Deus, Pátria e Família:

Acedendo ao pedido do dedicadíssimo director do «Sempre Pronto» permitam-me agora que recorde convosco algo do que foi o começo do Escotismo em Portugal.

O Berço do Escotismo em Portugal

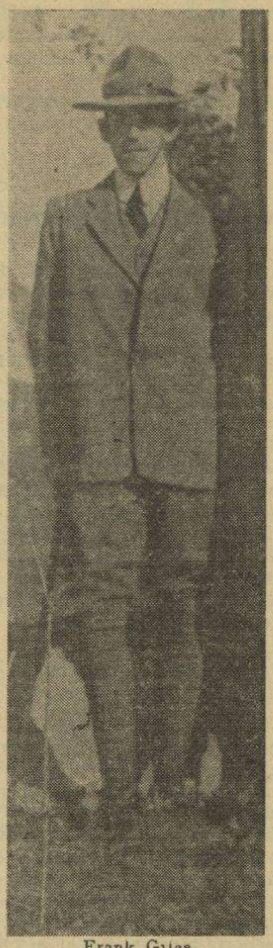
Existia na cidade de Lisboa, desde 1898, uma associação educacional cristã, chamada União Cristã da Mocidade. Seu objectivo principal era o auxílio espiritual, moral e social à mocidade da lusa terra. Apesar dos seus nobres intentos, as facilidades que oferecia eram limitadas. A sua sede, na Rua das Gaivotas, n.º 6, ao Conde Barão, estava longe de possuir os requisitos necessários para uma obra em larga escala a favor da mocidade.

Era presidente o sr. Roberto Moreton, cavalheiro de descendência inglesa porém nascido em Portugal e, sem dúvida alguma, um grande e dedicadíssimo amigo da mocidade, um homem que no conceito de todos deu verdadeiramente a sua vida pela juventude portuguesa. O secretário-geral era um cavalheiro suíço, o sr. Rodolfo Horner, pessoa de esplêndida educação, homem muito viajado, o elemento vindo do estrangeiro que mais honrou a sua estadia em Portugal.

Esta União tornou-se de grande préstimo aos seus associados, assim como a inúmeras pessoas que participavam nas suas actividades. Pessoas do mais alto valor cristão, diplomático, educacional e social, do comércio e da indústria, coadjuvaram directa ou indirectamente no trabalho desta benemérita instituição.

Entre outros, os ilustríssimos Embaixadores da Inglaterra, da América, da França, da Holanda, da Bélgica e esposas, cônsules da América, da Suíça e da Alemanha, o general inglês, sr. Barnardiston, comandante da incorporação do Corpo Expedicionário Português ao lado do exército inglês, em França, durante a primeira guerra mundial, *líderes* cristãos das diferentes partes do globo, etc., etc.

A lista seria longa, porém não desejamos esquecer, entre outros, o ilustríssimo Guerra Junqueiro, então Embaixador de Portugal na Suíça, o sr. Major Santos Ferreira, fundador e secretário-geral da Cruz Vermelha Portuguesa. O grande português que foi o sr. Dr. Sá Oliveira, muito ilustre reitor do liceu Pedro Nunes e Presidente fundador da Associação dos Escoteiros de Portugal, presidindo ao 3.º aniversário do 1.º grupo de escoteiros.



Frank Giles
1.º Chefe do Grupo n.º 1
(Falecido em combate na Grande Guerra)

O brilhante sr. Rev. Eduardo Moreira, o Dr. Alberto Machado, digno reitor do Liceu Passos Manuel, o ilustre escritor sr. António Sérgio, o sr. Gonçalves Viana, autor do «Novo Vocabulário da Língua Portuguesa; o grande e dedicado amigo sr. Dr. Alfredo da Silva, director do Instituto Comercial do Porto, a dedicadíssima família do Cônsul da Suíça, Yules Mange, a muito prezada família Braga, do Brasil; o sr. Dr. Ricardo Borges de Sousa presidindo a uma sessão de propaganda do Escotismo na Liga Naval Portuguesa, o dedicado amigo Capitão Álvaro Machado, o muito dedicado amigo sr. Bernardino Martins de Almeida, o sempre fiel, prestimoso chefe de Escoteiros e já então artista de categoria, sr. Humberto Martins; o muito ilustre consócio, que mais tarde se tornou uma das mais altas figuras no campo de medicina em Portugal, o muito saudoso sr. Dr. António Flores; o grande especialista de ginástica sueca, sr. Furtado Coelho, a Associação Central dos Escoteiros Franceses dando-nos a honra de nomearem o presidente e secretário do nosso 1.º grupo de Escoteiros, respectivamente srs. Roberto Moreton e Rodolfo Horner seus membros honorários, etc., etc.

Justo é mencionar ainda nomes como: Companhia de Carris de Ferro, Vacuum Oil C.º, London Brazilian Bank, Crédit Franco-Portugais, Clube Naval de Lisboa, Mala Real Inglesa, Garland Laidley & C.º, William Graham Jr., Henry Hall, os melhores periódicos de Lisboa, Remington Typewriter Co., etc., etc., etc.

Foi nesta atmosfera de grande prestígio e dedicação que um novo campo de acção se apresentou no horizonte do já muito útil trabalho da A. C. M. — o Escotismo.

Assim nasceu o Primeiro Grupo

No princípio de Março de 1912, apareceu na sede da A. C. M. um jovem de nacionalidade inglesa, Frank Giles, sobrinho do engenheiro director da Companhia Carris de Ferro. Frank Giles tinha sido escoteiro durante a sua estadia prévia no Transvaal.

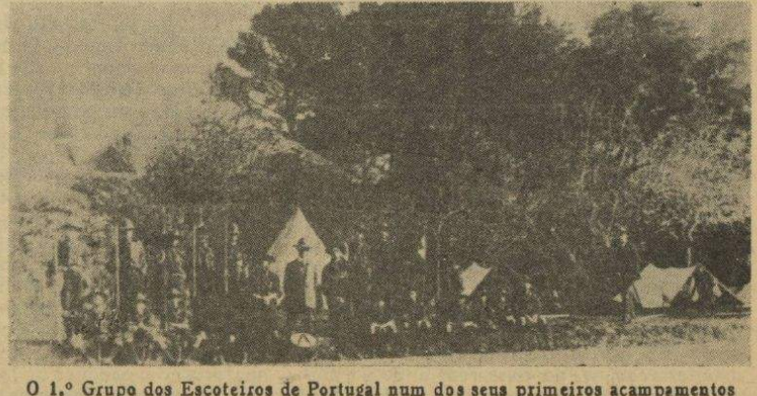
Na sua visita ao Sr. Rodolfo Horner, na União, alvitrou a organização dum grupo de escoteiros nessa instituição para assim introduzir o escotismo no Continente de Portugal. Sendo então o trabalho dos escoteiros muito pouco conhecido aqui, o Sr. Horner sentiu que não podia dar uma resposta definitiva, porém prometeu apresentar o alvitre na próxima reunião da direcção da União, o que fez.

Durante a conversação, o sr. Horner alvitrou ao Sr. Giles que ele se avistasse com quem escreve estas linhas na esperança de que eu me interessasse nesse trabalho. Com efeito, discutimos o assunto cuidadosamente e eu tive ocasião de explicar que não tendo conhecimento algum desse trabalho, não me sentia qualificado para assumir responsabilidades no empreendimento do Sr. Giles, que apesar da sua iniciativa ser muito simpática preferia adiar a minha decisão até que eu tivesse ocasião de examinar de perto a técnica dessa obra.

O sr. Giles explicou então a sua situação. Tinha um grupo de nove rapazes portugueses, os quais habitavam nas imediações do Jardim da Rocha do Conde d'Óbidos. Disse igualmente que os seus conhecimentos pessoais da língua portuguesa eram limitados. Por esse motivo sentia que havia pouca possibilidade de êxito, especialmente por não haver ainda local para sede, exercícios; etc. nem um jovem português pronto a dedicar-se ao Escotismo como dirigente.



Os primeiros Escoteiros do Grupo n.º 1



O 1.º Grupo dos Escoteiros de Portugal num dos seus primeiros acampamentos

Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Alvitrou-se então que o melhor era esperar pela decisão da direcção da União para chegarmos a uma conclusão definitiva. A 25 de Março de 1912, a direcção decidiu aceitar a proposta do sr. Giles e organizar um grupo de escoteiros na sua sede.

Alguns dias depois, o Sr. Giles visitou-me. Decidiu-se então o seguinte: Ele pediria à União para se organizar uma sessão na sua sede, na qual seria apresentado o seu grupo de rapazes, já fardados. Após essa sessão, eu passaria a colaborar activamente, com o Sr. Giles em tudo o que fosse necessário para o desenvolvimento do trabalho.

A sessão inaugural realizou-se no dia 9 de Abril de 1912, na sede da União. Foi presidida pelo Sr. Roberto Moreton e nela falaram o sr. Rodolfo Horner, secretário-geral da União; e o Sr. Frank Giles, escoteiro-chefe do Grupo.

A iniciativa teve bom acolhimento, ao ponto de vários outros rapazes manifestarem o desejo de se alistarem no Grupo.

Previa-se um início entusiasta, porém o imprevisto apareceu imediatamente: nenhum dos nove candidatos apresentados jamais apareceram até ao dia de hoje!

Frank Giles, muito preocupado com a situação, visitou-me de novo. Visto ter sido obtida a permissão da União para a organização do grupo, decidimos ir para a frente. Com os novos candidatos, e com outros que tinham manifestado já desejo de se unirem. Havia número suficiente para se organizarem duas patrulhas, encarregando-me eu de formar uma terceira. O guia da primeira patrulha era João Paulo da Cruz, ajudante, António Santa Marta. Da segunda patrulha foram respectivamente: Humberto Martins e João Garcia David. Da terceira patrulha — Ernesto de Sousa e Francisco Caetano Dias.

Começou a Propaganda

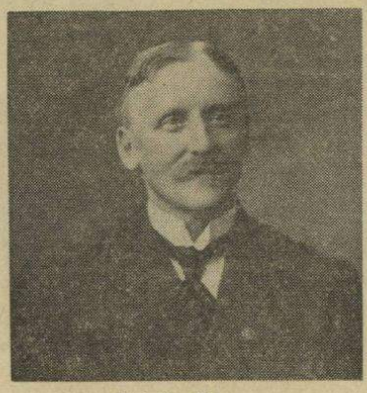
A primeira sessão de propaganda teve lugar na União e foi presidida pelo Sr. Dr. Joaquim Leite Júnior, falando além do presidente, o Sr. Roberto Moreton, presidente da União, e Frank Giles, escoteiro-chefe. Houve vários exercícios demonstrativos pelos escoteiros retirando-se a assistência, superior a 200 pessoas, muito impressionada.

Uma nova patrulha, a quarta, se formou imediatamente sendo nomeado para seu guia o jovem Joaquim Gomes Pinto, e para seu ajudante o Eduardo Faria. Nessa altura o prezado jornal o «Século» iniciou uma forte campanha de propaganda, de grande valor, sob a direcção do muito ilustre jornalista Paulo Osório. Esta campanha produziu uma impressão profunda nas mais altas camaradas educacionais portuguesas. A técnica era ainda desconhecida, mas os métodos, os seus objectivos, foram muito bem recebidos.

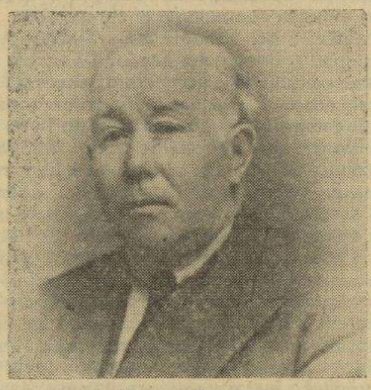
O 1.º grupo na sua faina entusiástica de desenvolver a causa do Escotismo, organizou uma outra sessão de propaganda no dia 21 de Novembro de 1912, tendo desta vez sido efectuada nas salas da Liga Naval Portuguesa. A sessão foi presidida pelo distinto educador, sr. Dr. Ricardo Borges de Sousa. Pelo presidente do 1.º grupo, Sr. Roberto Moreton, foram apresentadas projecções luminosas sobre «a vida dos *scouts* na Inglaterra». Foi uma sessão que despertou grande entusiasmo na enorme assistência. Os jornais citadinos deram bom relato desta esplêndida reunião.

Novos grupos

Dentro em pouco, no princípio de Dezembro de 1912, um novo grupo de escoteiros se fundou em Lisboa, o n.º 2, na sede da Sociedade de Instrução Militar Preparatória, na rua da Esperança. Foi organizado e dirigido pelo grande português, o então tenente de Marinha de Guerra, Sr. Álvaro de Melo Machado.



Rodolfo Horner



Roberto Moreton



Dr. António Joaquim Sá Oliveira



Ernesto de Sousa

Este dedicado amigo da mocidade acabava de regressar de Macau onde exerceu o honroso cargo de governador

Ao recebermos a notícia da fundação do 2.º Grupo longe estávamos de saber que, na pessoa do seu fundador, estávamos lidando, nem mais nem menos, de que com o verdadeiro fundador do Escotismo em território português, em Macau.

O entusiasmo em Lisboa aumentava cada vez mais. Agora era o grupo n.º 3 que se organizava no Liceu Pedro Nunes, sob a direcção do brilhante pedagogo, de tão grata memória, o mui digno reitor, Sr. Dr. Sá Oliveira.

Com a organização do 3.º, os alicerces do Escotismo foram erectos. No n.º 2, Abílio e outros, deram provas de grande dedicação e sacrifício. No n.º 3 Moura, e outros iniciaram com êxito um novo tipo de trabalho, o da mocidade escolar. No n.º 1, Ernesto e os seus denodadíssimos guias, como: Humberto, Amorim, Clímaco, Trindade, Cosme, César, Vilar, etc., procurando novos mundos em mares nunca navegados, alcançavam vitórias decisivas.

Com efeito, nós, os veteranos, sentimos que o n.º 1, n.º 2 e n.º 3 foram sem dúvida os verdadeiros pioneiros do Escotismo em Portugal.

Houve entusiasmo, disciplina voluntária e forte, dedicação intensa, valores de carácter, de visão e de labor criativo. Trabalhou-se a valer!

A visita dos escoteiros ingleses

Bem pouco depois apareceu nos jornais ingleses a notícia do naufrágio dum barco português no canal da Mancha, em frente da cidade de Hastings, tendo tomado parte no salvamento da sua tripulação um bom número de escoteiros dessa cidade.

A colónia inglesa em Lisboa, tendo conhecimento desse feito heróico, resolveu fazer uma subscrição e convidar o grupo de Hastings a visitar o grupo N.º 1 de Lisboa, apelo que foi entusiàsticamente correspondido por inúmeros amigos.

Quase no fim da primavera de 1913 desembarcava no Terreiro do Paço o grupo de Escoteiros de Hastings, vinte rapazes, uma senhora, a patrona do Grupo, e o Chefe Regional de Hastings.

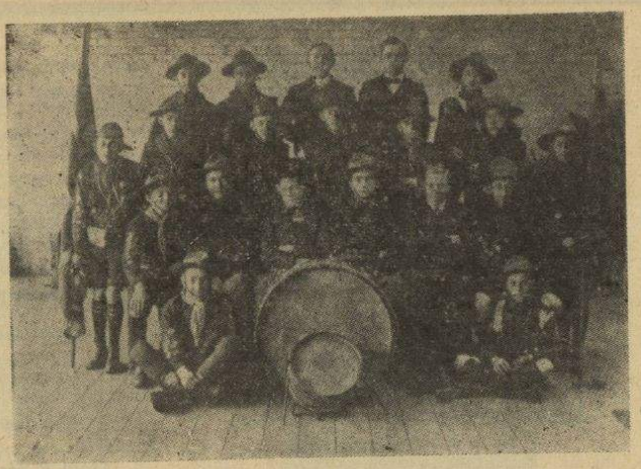
Que impressão profundíssima faziam aqueles escoteiros em nós, os «principiantes» do movimento português! Analisávamos cada um, dos pés à cabeça, a sua aparência, os seus movimentos, a sua disciplina voluntária, ordens dadas, ordens executadas, com calma, precisão, dever cumprido.

Para nos era uma revelação criativa que ia além da emoção. Era como que um novo dia que se apresentava no horizonte do nosso entusiasmo de honra, o do Portugal querido. Não era a vaidade de copiar tudo para maior sucesso. Estou certo, muitíssimo certo, de que o que mais contribuiu para a valorização do Escotismo nacional foi aquele sentimento profundíssimo, grato no coração de cada um de nós, pioneiros, de que se havia qualquer coisa no estrangeiro que fosse séria, nobre, útil, nós a queríamos também na nossa pátria. Para nós não era sòmente Escotismo, mas sim, acima de tudo, em tudo —Deus, Pátria e Família!

Foi nesse espírito que recebemos os denodados camaradas de Hastings. Com aprumo, passo cadenciado, assim iniciaram a sua marcha. Lá atravessaram o Terreiro do Paço. Entram na rua Augusta em direcção ao Rossio, Avenida da Liberdade, até ao palacete do eng.º Giles, na Rua de Artilharia 1, para ali acamparem.

——→

O quinquagésimo aniversário da A. E. P.



O Grupo Inglês de Hastings que visitou Lisboa na primavera de 1913 e se distinguiu no salvamento de náufragos de um barco português perdido no Canal da Mancha.

Durante todo o precurso houve um silêncio de admiração da parte da população. Que estranho aspecto para ela! Que queria aquilo dizer? perguntavam muitos, estou certo. Rapazes tão novos, com tão boa apresentação, erectos,, com a sua bandazinha de flautas, bombo e tambor! Quem são? Que fazem? Para onde vão?

Estou certo que alguns disseram a si próprios: — Oh! Agora já sabemos! São escoteiros, como aqueles rapazitos portugueses que de vez em quando aparecem nas ruas da cidade, aqueles «rapazinhos de calças curtas», aqueles de quem troçávamos tanto, aqueles que suportavam muito pelo seu ideal!

No final de contas eles tinham razão! Falavam de carácter, de seriedade, de honra. Tornaram-se fortes pela disciplina, pelas marchas, pela vida ao ar livre, nos acampamentos aprendendo a tomarem conta de si próprios. Oh! sim, agora nos recordamos quando troçávamos deles, em casa, nas ruas, nas escolas, nos escritórios, nas fábricas, por toda a parte, e eles nada diziam; calmos e respeitosos. Oh sim! Éramos nós que estávamos no erro. Sim, agora compreendemos porque é que esses estrangeiros vêm a Portugal: É para provar que os rapazes portugueses tinham razão, que tudo aguentaram para vencer, e VENCERAM! Honra lhes seja feita!

Os 10 dias que os escoteiros ingleses passaram em Lisboa foram repletos de êxitos, recebidos por toda a parte com as maiores provas de cordialidade e de admiração. *Garden-parties*, passeios, visitas a pessoas altamente categorizadas, exibições, etc., etc. *O Século* enchia várias colunas da sua página da frente, com abundância de gravuras, dia após dia. Sim, ele sentia-se orgulhoso, e com razão, de ter sido o diário que mais contribuiu para o triunfo em Portugal, com o auxílio eficaz dos artigos do brilhante escritor Paulo Osório. Sim! Foi um êxito MARAVILHOSO!

Com essa preciosa visita concluiu-se o estabelecimento definitivo do Escotismo em Portugal. As direcções dos grupos 1, 2 e 3 sentiram muito claramente que o momento tinha chegado para um desenvolvimento mais rápido e mais eficaz da causa do Escotismo no nosso país. Houve conversações particulares para a organização da Associação dos Escoteiros de Portugal. Dada a grandeza de carácter, largueza de visitas e inteligência esclarecida dos dirigentes dos três grupos, foi fácil a organização da Associação, a qual foi criada em bases de independência de cada grupo, subordinados simplesmente a um regulamento central, aceite unânimemente pelos três grupos no dia 6 de Setembro de 1913, pelos seus dirigentes e chefes.

Os fundadores da Associação dos Escoteiros de Portugal

O Escotismo passou assim a estar definitivamente implantado em Portugal. O esplêndido e muito competente chefe-geral da Associação, o sr. Tenente Melo Machado, entrou imediatamente em acção. Passeios vários e acampamentos eram encorajados. Exercícios de formatura, etc., começaram a ter lugar no terreno de futebol do liceu Pedro Nunes, sob a chefia de Melo Machado. Marchas até à Tapada da Ajuda, e lá, formaturas, prática de sinaleiro, cozinha, desportos diversos, etc., terminando por uma marcha em conjunto até ao Terreiro do Paço.

Com a colaboração de novos grupos filiados, assim começou, e continuou, o desenvolvimento da prestimosa Associação dos Escoteiros de Portugal A cordialidade entre todos era evidente. Não havia competência maldosa, simplesmente, e como devia ser, competição leal e respeitosa. Assim cada grupo tinha liberdade completa para o seu trabalho institucional, reservando alguns dias por ano para exercícios em conjunto, dirigidos sempre com agrado geral pela prestimoso chefe sr. Tenente Melo Machado.

Prezado leitores: Estes são os dados históricos referentes ao início do Escotismo em Portugal. Muito mais se poderia dizer, mas este artigo é já longo demais. Limitar-me-ei a referir-me ao Escotismo nos nossos dias.

As comemorações do Jubileu

Lastimo que não se tivesse comemorado o quinquagésimo aniversário da A. E. P. Muito se poderia ter feito de prestígio para a causa, dentro das normas da lealdade, disciplina, dedicação e cordialidade. Uma cousa porém ainda se pode e se deve fazer. Não é tarde demais para se recordar vidas valiosas que tanto deram do seu coração, alma e mente, para o bem da mocidade portuguesa. Estou-me referido a duas pessoas queridas ao coração de todos nós, os ilustres amigos, srs. Melo Machado e Dr. Sá Oliveira, este infelizmente já falecido.

Sòmente aqueles que passaram pelas fileiras históricas do Escotismo Português podem apreciar, com toda a justiça, o que as vidas daqueles dois grandes portugueses representaram nas suas próprias. Os nomes do Comandante Melo Machado e Dr. Sá Oliveira ficarão gravados nas nossas almas como dois dos mais esclarecidos e dedicados amigos da nossa mocidade. Nós nunca conseguiremos pagar-lhes condignamente a dívida de profunda gratidão, que contraímos.

Foram homens de grande valor, mais do que isso, de profunda dedicação ao Escotismo. A eles a honra que merecem!

Oportunas sugestões

Que me seja permitido alvitrar o seguinte. Primeiro: obter do Governo Português a condecoração do Sr. Comandante Melo Machado, com uma medalha de mérito correspondente ao seu nobre trabalho de introdutor do Escotismo em Portugal. Segundo: solicitar da Câmara Municipal de Lisboa a bondade de dar a uma bonita avenida, ou rua, o nome de Dr. Sá Oliveira, pedagogo e fundador do Escotismo em Portugal.

A cerimónia deveria ser honrada com a presença do digno presidente da Câmara Municipal de Lisboa com a coadjuvação e direcção do Sr. Almirante Henrique Tenreiro, dedicado presidente da A. E. P.

O Sr. Ministro da Educação, em nome do Governo, imporia a Medalha oferecida ao Sr. Melo Machado.

O sr. Dr. Sá Oliveira, teve a honra de ser o primeiro presidente da A. E. P., lugar que desempenhou com êxito e alta elevação de inteligência. Alguma coisa adequada deveria ser feita, assim o sinto. No caso do seu corpo estar depositado em jazigo, que se organizasse ali uma cerimónia de profundo respeito e gratidão à memória de tão nobre Português. Os veteranos do 3.º grupo deveriam assumir a direcção deste esforço histórico, e no qual participariam altas entidades e todos os outros grupos.

Não falo dos meus amados Srs. Horner e Moreton, pois tendo sido dirigentes do querido Grupo N.º 1, instituição preciosa na minha vida passada, não desejo que qualquer sugestão fruto da minha gratidão seja interpretada como intensão pessoal de prestigiar o grupo em que tive o grande privilégio de servir. Ao querido Sr. Moreton já lhe foi prestada, junto ao seu túmulo, sentida homenagem da parte do 1.º Grupo, quando do quinquagésimo aniversário.

Aos quatros fundadores principais do Escotismo Português, assim como aos inúmeros amigos da mocidade portuguesa, da querida pátria, assim como todos nós que tanto aproveitámos em exemplos e ensinos de dignidade, em tradições de carácter, de nobreza e de honra, sim, aos queridos quatro, assim como a inúmeros outros, nós que seguindo o testemunho valoroso dessès verdadeiros cristãos, nós que em toda a sinceridade procuramos ainda hoje seguir os seus passos, nos curvamos silenciosa e piamente perante eles, e depois em rígida posição de continência, saudamos a *elite* rara e prestigiosa dos que tanto honraram a sua Pátria, e dizemos de todo o nosso coração, alma e entendimento... MUITO OBRIGADO!

ERNESTO DE SOUSA

* ● *

Acampamento de férias do grupo n.º 8

Em 31 de Agosto passado, saíram de Lisboa para o Algarve dez escoteiros do Grupo n.º 8, que foram estabelecer o seu acampamento de férias na praia de Monte Gordo, frente ao Parque de Campismo, cujas instalações foram gentilmente franqueadas aos escoteiros. A instalação do campo fora prèviamente tratada entre os chefes Pereira e Idílio Gonçalves, respectivamente dos grupos 60 e 8, aquele de Vila Real de Santo António. Os escoteiros de ambos grupos confraternizaram durante os dez dias de acampamento, tendo tido ocasião de verificar o alto nível técnico e actividade dos escoteiros do 60 sob a eficiente orientação do seu chefe.

Na reunião geral do 60, depois do Chefe ter manifestado a sua satisfação pela presença dos rapazes do 8, o chefe Idílio agradeceu e salientou o carinho com que tinham sido recebidos pelos seus companheiros de Vila Real de St.º António.

No último fim de semana, o «60» organizou um acampamento, que proporcionou oportunidade para uma mais intensa confraternização entre os dois grupos, tendo passado momentos de inesquecível camaradagem e radicado o desejo de voltar no próximo ano.

Os tempos heróicos do Escotismo através da Imprensa Portuguesa

O Escotismo viveu em Portugal uma época que ficou conhecida como «heróica» durante a qual os nossos rapazes praticaram actos de bravura assinaláveis e prestaram relevantes e generosos serviços por ocasião de tumultos e desastres graves. Pode ser discutível a ortodoxia escoteira destas atitudes, visto o movimento ser essencialmente de natureza educativa e não um organismo de socorros de emergência. Naturalmente que esses gestos tão abnegados trouxeram muitas dificuldades em atrair novos membros, porque os pais receavam ver seus filhos envolvidos em actos que pudessem pôr em perigo a sua integridade física. Por outro lado, porém, é certo que tais atitudes eram inteiramente espontâneas da parte dos rapazes, fruto da sua formação escoteira, e foi através delas que o Escotismo em Portugal se impôs ao respeito e admiração do público, prestígio de que ainda colhe apreciáveis frutos.

Quisemos apresentar aos nossos leitores vasta compilação do que os nossos diários escreveram sobre os escoteiros, mas trata-se de um trabalho exaustivo, que requer longo período de busca, que nem sempre se traduz naquilo que desejamos. Os «tempos heróicos» foram a nossa etapa, agora que o Jubileu da A. E. P. se está comemorando e pudemos ler, como adiante ireis observar, o muito que se louvou os nossos escoteiros e o apreço com que o público os distinguiu.

Vários jornais, entre os quais destacamos «O Século», «Diário de Notícias», «Ilustração Portuguesa», «O Mundo», «A Luta» e outros, referiram-se largamente aos feitos dos escoteiros. Infelizmente, repetimos, só conseguimos passar os olhos pelo «Século», que sempre inseriu farta reportagem escotista nas suas colunas.

Os primeiros anos da A. E. P. foram difíceis. O público, na época agitada que se vivia, não olhava com bons olhos os rapazes de calção e chapéu de aba larga. Era preciso impor e prestigiar o método escotista.

Uma festa de Natal no velho Coliseu dos Recreios

Assim, em 27 de Dezembro de 1912, publica «O Século» na primeira página as notícias da Festa da Família, encimando o título com uma bela fotografia do Grupo n.º 2, salientando no noticiário uma festa realizada no velho Coliseu dos Recreios dedicada às crianças, onde se lhes distribuiu bolos e brindes e na qual o 2.º Grupo de Lisboa se apresentou oficialmente ao público:

«Iniciou o espectáculo — dizia «O Século» — a secção dos *boy scouts* da Sociedade de Instrução Militar Preparatória n.º 2, cujos exercícios foram muito apreciados.»

Já no dia 26, esclarecendo o programa da festa, anunciava o que os escoteiros faziam:

«Alvorada por um terno de corneteiros e saudação à bandeira pelos *Scouts* do Grupo n.º 2.»

Como apresentação pública, num espectáculo em que a casa estava completamente cheia, foi óptimo para a propaganda escoteira. Se o público naquele ano olhou com curiosidade os briosos rapazes do «2», mais tarde havia de olhá-los e respeitá-los com admiração. Veio o tempo das revoluções, que tanto sangue fez alastrar pelo país. Juntamente com a Cruz Vermelha, os Escoteiros prestaram serviços de grande valor humanitário.

A revolução de 15 de Maio de 1915

Nesta data, uma das mais sangrentas sublevações irrompeu em Lisboa. Eis o que «O Século» desse mesmo dia publicava:

NOTAS E INFORMAÇÕES COLHIDAS EM DIVERSOS PONTOS DA CIDADE

Os *Boy Scouts* prestaram relevantíssimos serviços na condução dos feridos, arrojados e zelosos no cumprimento dos seus deveres.

Em ampla reportagem do dia 17 do mesmo mês, podia ler-se:

A ACÇÃO DOS «BOY SCOUTS»

Portaram-se também heròicamente, mesmo sem pegar em armas, os *boy scouts*, rapazes entre os 12 e 17 anos apenas. Aos serviços da Cruz Vermelha nestes dias, tão beneméritos como arriscados, prestaram ininterrupta, devotada e corajosamente o melhor dos auxílios. Disputavam todos os lugares mais perigosos e nenhum sucumbia sequer à fadiga. Tiveram mesmo pequenos amuos por nem sempre, devido à escala de serviços, poderem todos ao mesmo tempo seguir para os locais a que era chamada a Cruz Vermelha. Salvo quando conduziam as macas ou eram destinados a quaisquer outros serviços externos, viam-se nos postos do Terreiro do Paço, da Avenida Duque de Loulé e Conde Barão. No primeiro dia da revolução transportaram os *boy scouts* nas suas macas oito feridos e um morto aos diversos hospitais mais próximos do sítio em que se encontravam. No segundo dia foram de uma abnegação extrema por ocasião do tiroteio no jardim da Cervejaria Jansen e nas proximidades da Igreja de São Paulo. Ontem, por exemplo, visitaram nos hospitais os feridos que ali conduziram e auxiliaram no Posto da Misericórdia o transporte de feridos para as enfermarias de onde na véspera tinham sido retirados por se recear o bombardeamento do Quartel do Carmo. Uma certa felicidade os acompanhou sempre na sua mais bela missão, excepto aquando do caso da Escola de Guerra, pois os valentes rapazes foram perseguidos pela fusilaria a partir da Rua de Gomes Freire, ficando gravemente ferido Manuel Pereira, filho do enfermeiro do mesmo apelido.

UM ACTO DE HEROICIDADE

Entre os verdadeiros actos de heroicidade destacamos o seguinte:

Eram 22 horas do dia 14. Ao Arsenal da Marinha chegou um oficial vindo de bordo do «Vasco da Gama» com uma carta do comandante Leote do Rego para a sua família.

Aquela hora não havia quem a levasse; o embaraço era grande, porque não se podia dispensar os combatentes e dos não combatentes nenhum se prestava a isso. Uma criança de 10 a 12 anos, escoteiro, dirigiu-se ao oficial e, acanhadamente, ofereceu-se para desempenhar a missão. O oficial, surpreendido, confiou-lhe a carta, recomendando-lhe que trouxesse um documento comprovativo da entrega.

O tiroteio estrondeava a todo o momento por vários pontos da cidade, em muitas ruas não havia iluminação, grupos armados surgiam de todas as esquinas, mas nada embaraçou a valente criança. Uma hora depois estava de volta. Apresentou-se ao oficial de quem tinha recebido a missão, entregando-lhe um bilhete da esposa do sr. Leote do Rego. O oficial, velho lobo do mar, um dos bravos da Rotunda, comovido com a bravura do Escoteiro, meteu a mão ao bolso para gratificar a criança. O rapazito, porém, muito corado, como que envergonhado da ousadia do pedido que ia formular, suspendeu-lhe o gesto dizendo:

— Se quer recompensar-me leve-me ao "Vasco da Gama". (Queria obraçar o sr. Leote do Rego). A criança não quis dizer o nome (1)

Idênticos e igualmente relevantes serviços prestaram os Escoteiros noutras alterações da ordem pública. Na de 19 de Outubro de 1921, foram mesmo campiões dos esforços realizados. Eis o que citava o jornal do mesmo dia:

Os grupos de Escoteiros da Cruzada das Mulheres Portuguesas montaram o primeiro posto de secorros na Rotunda, onde se conservaram até às 17 e meia horas, tendo feito um curativo a um soldado.

O INCÊNDIO NO DEPÓSITO DE FARDAMENTOS

Os Escoteiros foram grandes cooperadores dos bombeiros e aonde quer que estes fossem chamados também eles compareciam. Em 13 de Janeiro de 1916, o Depósito de Fardamentos para o Exército foi destruído pelo fogo. As instalações eram enormes, pois trabalhavam nelas cerca de 4 mil pessoas. Felizmente o fogo começou uma hora depois do pessoal sair, porque foi pavoroso. Em dada altura da reportagem escrevia "O Século":

O tempo vai passando e o fogo continua a alastrar. À volta do braseiro está todo o material dos municipais e dos voluntários, os carros ambulâncias, o material e pessoal da Cruz Vermelha, da Cruz Verde, Grupos de *Boy Scouts*, prestando todos os mais relevantes serviços.

O INCÊNDIO NO ARSENAL DA MARINHA

Em 18 de Abril 1916, voltaram os Escoteiros a actuar no incêndio que atingiu o Arsenal da Marinha. Noticiava «O Século» que o pânico na cidade era grande, pois foram totalmente destruídas algumas das mais belas instalações do Arsenal, perdendo-se a Sala do Risco e escapando as bibliotecas. Assinalava ainda:

Perto das 6 horas e meia, um troço de marinheiros às ordens do aspirante Couceiro, auxiliado por vários escoteiros que continuavam de uma dedicação a toda a prova, avançam para a entrada da Escola Naval a salvar da Biblioteca o que pudessem, visto que os Bombeiros estavam sendo necessários noutro local.

Foi dura a acção dos Escoteiros pois ficaram feridos alguns, dos quais destacamos: Escoteiro António Alves, ferido num joelho. Escoteiro Ramiro ferido também num joelho e transportado de auto-maca para casa. Desconhecemos os grupos destes dois valentes rapazes.

Em dois serviços seguidos, nos dias 2 e 3 de Maio de 1919, incêndio nas Encomendas Postais e na Cadeia do Limoeiro, e também em 5 de Novembro de 1921 no extinto Teatro do Ginásio, os esforços dos rapazes foram muito apreciados.

As greves também levaram os nossos rapazes a prestar serviço. Assim, de 30 de Abril a 5 Maio de 1919, os "Almeidas" da Câmara

Pág. 15 ——→

Como foram os primeiros tempos da

Alguns apontamentos que nos foram confiados pelo pioneiro do escotismo em Portugal: o comandante Álvaro de Melo Machado



Sem dúvida que é um privilégio para a Associação dos Escoteiros de Portugal poder contar, no momento em que comemora as suas Bodas de Ouro, com a presença prestigiosa de uma das figuras que mais directamente contribuíram para a sua formação: o sr. comandante Álvaro de Melo Machado, o homem que, com um saudável espírito de idealismo e de serviço, deu o primeiro passo no sentido de dotar a juventude de Portugal com um meio educativo de reconhecidos méritos e de assinalável eficácia.

Na verdade, quando os acontecimentos do limiar da vida da nossa Associação ganharam já o sabor fabuloso de aventura distante, é digno de ser notado o facto de podermos gozar da prerrogativa de ouvirmos, de viva voz, alguém que não só assistiu a esses sucessos históricos, como até desempenhou o importante papel de protagonista.

O Homem que, em 1911, meteu ombros à empresa ousada de oferecer aos rapazes de Macau o método de B.-P. e mais tarde, já na Metrópole, havia de desenvolver uma acção preponderante na criação da Associação Escotista, está presente, para alegria de todos aqueles que, tendo dado o seu concurso ao movimento fundado por B.-P., têm usufruído das suas vantagens.

Foi assim que, no intuito de escutarmos daquele ilustre oficial algumas palavras de recordação desses inolvidáveis acontecimentos, decidimos ir à sua graciosa moradia, em S. Domingos de Benfica.

Recebidos, mais uma vez, com aquela hospitalidade e lhaneza características de um homem caldeado por difíceis experiências e possuidor de um alto sentido de serviço à comunidade onde nasceu e a que devotou a vida, o comandante Melo Machado dispôs-se imediatamente a dialogar connosco na rememoração dos saudosos tempos do advento do Escotismo em terras lusitanas.

— Como vamos publicar um número comemorativo do jubileu da Associação dos Escoteiros de Portugal — dissemos-lhe — não fazia sentido que não viéssemos escutar algumas das suas palavras. Desejaríamos que nos dissesse quais foram as razões que fizeram com que nascesse a ideia de fundar a Associação.

A sua voz, rude mas de acentuado cunho de franqueza, como é timbre do verdadeiro homem do mar, fez-se ouvir imediatamente:

— As razões que nos levaram a fundar a A. E. P. foram só estas: Havia o grupo da A. C. M; quando vim de Macau, começou-se a fundar, na Esperança, o grupo n.º 2, constituído por uma patrulha de que faziam parte o Abílio e os irmãos Borrego. Depois apareceu o grupo do Liceu Pedro Nunes, obra do dr. Sá Oliveira. Era necessário coordenar esse movimento. Pensou-se então em fundar a Associação. O presidente parece que foi o dr. Sá Oliveira e Eduardo Santos, o secretário. Roberto Moreton também fazia parte da Direcção, à qual também eu pertencia, além de exercer o cargo de escoteiro-chefe-geral.

A campanha de «O Século»

— A Associação ter-se-ia fundado como resultado da célebre campanha de propaganda empreendida pelo «Século»? — perguntámos.

— Não, a campanha do «Século» foi posterior. É que, a princípio, os escoteiros tinham pouca simpatia. Éramos olhados com desconfiança. Foi só mais tarde, quando de uma dessas revoluções, em que os escoteiros apareceram a socorrer os feridos, é que a simpatia começou a nascer. Sempre acalentei o sonho de que, se em Portugal houvesse milhares de escoteiros, conseguir-se-ia mudar a mentalidade do povo, que era um tanto indisciplinado. Isto nunca passou de um sonho, pois os escoteiros foram sempre em pouca quantidade, portanto incapazes de exercer essa influência. No entanto, muitos dos que me passaram pelas mãos, fiz deles alguma coisa, bons elementos, homens de carácter.

A greve dos Correios

E o nosso interlocutor, à guisa de explicação da forma como conseguira esses resultados, continua:

— O escoteiro-chefe deve saber tirar partido das pequenas coisas. Por exemplo: quando foi da greve dos Correios, foi pedida a nossa colaboração. Aceitámos, com a condição de nos ser atribuído um serviço determinado para ser desempenhado só por nós. Nada de misturas. Foi-nos confiado o serviço de telegramas. Os rapazes portaram-se muito bem. Os que tinham mais estudos registavam os telegramas. Os mais humildes, faziam o serviço de boletineiros.

«Em dada altura, porém, os grevistas tentaram levantar dificuldades aos nossos boletineiros, pelo que esse serviço começou a tornar-se perigoso. Sendo assim, vi que não era justo que uns estivessem mais expostos aos perigos que outros, de forma que todos passaram a revezarem-se no serviço de entrega de telegramas. Os rapazes com estudos, de família mais finas, começaram então, a oferecer certa resistência e alguns deixaram até de comparecer. Eu, nesse tempo, estava no Arsenal, de forma que ia frequentes vezes aos Correios inteirar-me da forma como o serviço dos rapazes caminhava. Um dia notei que, na formatura que se fazia para irem jantar a uma pensão que o Estado pagava aos rapazes, havia algo diferente do habitual. Ao averiguar o motivo, os rapazes de mais habilitações disseram-me que não gostavam de comer na pensão ao lado dos mais humildes, porque estes deitavam os caroços das azeitonas para o chão. Eu então retorqui-lhes: «Olhem que esses rapazes não sabem comportar-se à mesa, mas têm uma virtude que vocês não possuem: são valentes. Acham que eles não servem para comer ao lado de vocês, mas para apanhar pancada isso já servem?» Disse-lhes ainda que deveríam, em vez de os afastar, ensinar-lhes a não deitar os caroços para o chão e a maneira de se comportarem à mesa».

Associação dos Escoteiros de Portugal

Outras actividades escotistas

Perguntámos-lhe, nessa altura, se a Direcção da A.E.P. tinha muitos elementos a colaborarem com ela.

O nosso ilustre entrevistado responde imediatamente:

— A Direcção da A. E. P. trabalhou muito tempo sòzinha. Só tinha por colaboradores os chefes dos grupos. Nesses tempos havia uns 30 ou 40 escoteiros. Quando foi da Revolução do Norte é que já havia mais grupos. Por isso, promovia, com certa frequência, exercícios gerais, porque os de grupo tornavam-se monótonos, porque éramos muito poucochinhos.

«Contudo, estava nessa altura no Arsenal e tinha muito que fazer. Via-me aflito para arranjar programas. As vezes os rapazes apareciam lá e perguntavam-me: «— Que vamos fazer no domingo?» Eu então agarrava num mapa e dizia-lhes: «Vocês vão atravessar daqui para ali em linha recta». E eles faziam-no.

«Foi assim que se realizaram excursões que ficaram célebres, como as de Monsanto e de Caparica. Neste último local, onde fazíamos acampamentos num pinhal cerradíssimo, era preciso possuir um bocado de coragem. Mas destas coisas é que é preciso tirar lições morais. É por isso que eu digo que um escoteiro-chefe não pode ser uma qualquer pessoa. É necessário ser-se inteligente e instruído para tirar partido das coisas mais simples, sem, contudo, armar em pedagogo».

E prossegue na sua exposição:

— Uma vez, em Benfica, fizemos um jogo. Tratava-se de um género de combate. Um dos grupos estabelecia uma espécie de vigilância numa certa zona, que os rapazes do outro grupo procuravam furar. Quando um deles avistava o «inimigo», lançavam-lhe um projéctil de farinha. O escoteiro atingido por farinha considerava-se vencido. No entanto alguns deles não se queriam convencer de que, estando vencidos, teriam de abandonar a brincadeira. Era preciso dizer-lhes que era necessário respeitar as regras do jogo. Se tinham sido tocados, teriam de se considerar prisioneiros».

E com um acento de saudade, o comandante Melo Machado vai-nos revelando as suas recordações:

— Fazíamos grandes excursões. Íamos, por exemplo, da estação do Carregado para Alenquer a pé. E eu também apanhava cada estafa! Estas caminhadas começavam, muitas vezes, às 10 da noite, de forma que só lá para as tantas é que nos deitávamos. Acompanhava os rapazes em tudo. Dormia como eles, numa tenda, enrolado num cobertor. De manhã, lavávamo-nos, despejando um balde de lona sobre a cabeça. Quando havia tanques, metíamo-nos lá dentro. Nem sequer nos lembrávamos que lá dentro poderia haver bichos...»

E a torrente das suas recordações continuava ininterrupta. Não havia, por conseguinte, necessidade de qualquer pergunta.

— Uma vez, — prosseguiu ele — passei um mau bocado num exercício na Outra Banda. Tínhamos montado um cabo vaivém por onde os rapazes desciam, agarrados a uma espécie de trapézio. Cá em baixo, a ponta da corda estava amarrada num penedo. De forma que os escoteiros, quase ao fim da descida, tinham de bater com os pés numa espia que ali se encontrava esticada, para amortecer o embate. Um dos escoteiros, porém, durante a descida, virou-se de costas, o que originou que desse com as curvas das pernas na espia e, desequilibrando-se, batesse com a cabeça no penedo.

«As raparigas do serviço de enfermagem vieram logo socorrê-lo. Era sangue por todos os lados. Teve que vir para Lisboa. O rapaz, embora sendo de famílias ricas, era animoso e de temperamento rude. Suportava tudo muito bem. Quando vínhamos no barco, umas mulherzinhas começaram a lamentá-lo: «Coitadinho, se calhar já está morto!» Mas ele, ao ouvir isso, retorquia exasperado: «Qual morto! Não estou morto, não senhoras»!

Episódios curiosos

Comentámos:

— Mas o senhor Comandante gostava do movimento, apesar disso tudo não é verdade?

— Sim, fui um apaixonado do movimento. Digo mais: Dediquei-me ao escotismo de alma e coração. Meti-me naquilo a valer. A família já dizia que eu não passava um domingo em casa. Um dia, num passeio em que minha mulher também tomou parte, assim como as minhas filhas, comprei uma lata de carne assada. Quando chegou a hora do almoço, puseram a lata ao lume para aquecer, mas não fizeram qualquer abertura. Em dado momento, ouviu-se um grande estrondo. Havia carne assada por todos os lados. Era a lata que rebentara!

«Doutra vez, fizemos um acampamento em que a minha família tomou igualmente parte. Como as senhoras não estavam habituadas a dormir no chão duro, pedi aos rapazes que apanhassem ervas para fazer um colchão. Ao fim de algum tempo, trouxeram uma palha que era formidável. No outro dia de manhã, apareceu um camponês a queixar-se de que os rapazes lhe tinham dado cabo das medas de trigo. O nosso colchão era feito de trigo! Tivemos que pagar o estrago que fizemos ao pobre homem».

— Consta-nos que o senhor Comandante também fundou um grupo em África. É verdade?

— Sim, quando estive em Lourenço Marques, em 1915, fundei aí um grupo».

E como se a nomeação desta cidade africana lhe tivesse trazido à lembrança certo acontecimento, o nosso interlocutor conta-nos o seguinte episódio:

— Durante a Grande Guerra, os navios alemães que tínhamos apresado, já possuíam T. S. F., o que, nesse tempo, não era vulgar. Tornou-se, pois, necessário arranjar pessoal que fosse manejar aquela aparelhagem. O Abílio foi dos que se ofereceram para aprender esse serviço, tirando partido dos conhecimentos de morse que adquirira no escotismo. Abílio Santos começou assim a sua carreira. Hoje é director dos C. T. T. em Lourenço Marques. Era um rapaz desembaraçado. Durante a sua vida de telegrafista, escrevia-me de todos os portos onde tocava. Mesmo como escoteiro era dos de mais iniciativa. Era sempre o nº 1».

A origem do Escotismo em Macau

Quisemos saber então como é que o sr. comandante Melo Machado tomara conhecimento da existência do Escotismo.

A resposta pronta:

«— Quando estava em Macau, eu sabia pouco inglês. Todavia, tinha necessidade de aumentar os meus conhecimentos, porque estávamos em contacto permanente com as autoridades de Hong-Kong. Arranjei, por isso, um rapaz inglês — Mr. Nightingale

———→

Como foram os primeiros tempos da A. E. P.

— que ia todos os dias conversar comigo nessa língua, porque eu não tinha tempo de estudar gramática. Durante essas conversações, o rapaz falou-me, com entusiasmo, no movimento dos *boy-scouts*. Como eu mostrasse curiosidade por essa organização, arranjou-me um manual escotista, o «*Scouting for Boys*. Achei-o muito interessante e lembrei-me de me servir do método para tentar modificar a mentalidade dos jovens portugueses. Era o sonho de sempre.

«Foi assim que fundei o movimento escotista em Macau, com a ajuda de dois rapazes, um dos quais, o Torre do Vale, foi um precioso auxiliar.

«Como eu era o governador de Macau, protegia muito os rapazes. Pessoa que ali caía, dizia-lhe logo: «Você tem de me ajudar nos escoteiros!» Arranjei-lhes material e barracas e outras coisas. Os rapazes faziam o policiamento do campo de ténis. Em troca, oferecíamos-lhes chá».

Terminou aqui a nossa entrevista com o sr. comandante Melo Machado, o homem de acção e o homem de ideal que um dia teve a nítida percepção das vantagens que a prática do Escotismo poderia trazer aos nossos jovens.

A maior homenagem que, por esse motivo, poderemos prestar a essa inconfundível figura de Escoteiro, é apontá-la às gerações de agora como um exemplo de Fé e um símbolo de Inspiração para todos quantos se decidam a trabalhar para a elevação da juventude em Portugal.

Que a Associação dos Escoteiros de Portugal possa, desta maneira, reconquistar a chama do Ideal com toda a fulgurância com que foram iluminados aqueles primeiros tempos da sua história.

J. R.

Dois Presidentes da A. E. P. assinando o auto de posse



Em 31 de Maio de 1948, o Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim assina, perante o sr. dr. Tovar de Lemos, o auto de posse da Direcção da A.E.P.



Em 19 de Fevereiro de 1953, o Sr. Comandante Henrique Teareiro assina, perante o Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim, o auto de posse de presidente da Direcção da A. E. P.

Uma iniciativa de «Sempre Pronto»



O «Sempre Pronto» promoveu a fundação da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal. A respectiva sessão solene de inauguração efectuou-se em 19 de Novembro de 1949 na Sala Algarve da Sociedade de Geografia, sob a presidência do Sr. Comandante Álvaro de Melo Machado, que dava a sua direita aos Srs. Coronéis Lopes Mateus, da Sociedade de Geografia; e Duarte Borrego; e a esquerda aos Srs. Carlos Mexia de C. Paiva, da direcção da A. E. P., e Avelar Machado, do Ateneu Comercial de Lisboa. Em baixo, o Administrador de «Sempre Pronto» secretariando a reunião.

DE SINTRA

O 29.º Aniversário do Grupo n.º 93

O Grupo de Escoteiros da ridente vila de Sintra comemorou em 24 e 25 de Agosto o seu 29.º aniversário, data que passara recentemente, com um acampamento que se efectuou na Quinta da Rosa Branca. Participaram os grupos, n.ºs 1, 7, 8, 10, 12, 14 e 94 de Lisboa, bem como o 84 do Entroncamento, num total de 60 escoteiros.

Perante numerosa assistência, no sábado à noite realizou-se um fogo de conselho, cuja chama foi acesa pelo Delegado da M. P. a convite do Chefe Bicho do Grupo em festa. Foi apresentado um animado programa de canções pelos grupos 1, 8, 10 e 94, e ainda uma canção pelo 84 dedicada ao grupo aniversariante. O grupo 8 apresentou também o episódio cómico «Uma consulta maluca», que agradou à assistência.

Ao fim da tarde de domingo, prestaram compromisso de honra dois novos escoteiros, sendo um de Sintra e outro do Entrocamento. Durante este acto, o Chefe Idílio Gonçalves, representando a Direcção da A. E. P., usou da palavra para felicitar o Grupo n.º 93 por mais um aniversário, exortando todos os seus escoteiros a envidarem os seus esforços para o progresso do Escotismo naquela vila. Dirigiu-se depois aos novos Escoteiros falando-lhes acerca do significado da Promessa que iam prestar.

Após o arrear das bandeiras, os grupos seguiram em formatura simples até à sede do grupo, onde foi servido um chá a todos os presentes.

Os Escoteiros de Portugal têm NOVO ESCOTEIRO-CHEFE-GERAL

Por motivo do sr. Comandante David de Carvalho ter sido designado para uma importante comissão de serviço, como oficial superior da Armada, devendo estar ausente do país por largo tempo, teve de pedir a demissão de Escoteiro-Chefe-Geral, cargo que vinha desempenhando há cerca de um ano de forma a conquistar gerais simpatias, tendo conseguido úteis benefícios para a Associação, só não tendo sido possível desenvolver uma mais larga actividade por as suas responsabilidades oficiais lhe não permitirem uma maior dedicação.

Para novo Escoteiro-Chefe-Geral foi designado pelo sr. Presidente da Associação o sr. Comandante António Tengarrinha Pires, antigo comandante do navio-escola «Sagres» e presentemente ilustre professor do Instituto Superior Naval de Guerra.

O E. C. Luís Tovar de Lemos pediu também a resignação do cargo de Escoteiro-Chefe-Geral adjunto, tendo sido substituído pelo E. C. Eng.º José Maria Nobre Santos.

A posse dos novos dirigentes realizou-se no dia 11 de Outubro corrente, tendo-lhe sido conferida pelo sr. Almirante Henrique Tenreiro, presidente dos Escoteiros de Portugal. O Escoteiro-Chefe-Geral cessante fez um discurso de despedida e o sr. Presidente agradeceu-lhe os bons serviços prestados e deu as boas vindas ao novo Escoteiro-Chefe-Geral.

«Sempre Ponto» saúda os novos chefes dos Escoteiros de Portugal e formula fundamentadas esperanças de que da sua competente acção resulte um novo período de progresso para o Movimento.

★ ● ★

JOÃO MÓS

Este nosso dedicado amigo e compatriota, há muitos anos radicado no Brasil, que foi activo organizador do Acampamento Internacional de Patrulhas de São Paulo, em que os Escoteiros de Portugal estiveram tão bem representados, esteve mais uma vez de visita a Portugal durante Agosto e Setembro, tendo-nos dado o prazer de sua visita, que muito agradecemos.

• • o • •

DE LUTO

António José Saragoça

Em 11 de Outubro corrente, em Vila Nova da Baronia, faleceu o sr. António José Saragoça, comerciante, pai da sr.ª D. Mariana E. Saragoça Ribeiro e do sr. António José Lima Saragoça, e sogro do sr. José Eduardo Pena Ribeiro. O seu funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério local, com grande acompanhamento.

A toda a família enlutada, mas particularmente aos nossos colaboradores sr.ª D. Mariana Ribeiro e sr. Pena Ribeiro endereçamos os nossos sentidos pêsames.

D. Maria Natividade Mendes Ribeiro Neto Trigueiros

Em 13 de Outubro corrente, em Olhão, faleceu a sr.ª D. Maria Natividade M. R. Neto Trigueiros, esposa dedicada do nosso estimado amigo sr. João Lobo Miranda Trigueiros, dedicado colaborador de «Sempre Pronto» e delegado dos Serviços Centrais dos Escoteiros de Portugal no Algarve, bem como da Fraternal dos Antigos Escoteiros. O seu funeral realizou-se em 14 para o cemitério local, tendo-se incorporado muito povo, representantes das colectividades locais e dos grupos de escoteiros da Região.

«Sempre Pronto» apresenta condolências muito sentidas ao nosso dedicado amigo Sr. João Lobo de Miranda Trigueiros, e à família enlutada.



Grupo n.º 60 — Vila Real de Santo António

Em 7 e 8 de Setembro passado, o Grupo n.º 60 acampou na Mata de Monte Gordo. Na noite de sábado realizou-se um fogo de conselho, que decorreu com muita animação no qual participaram escoteiros dos grupos n.ºs 8 e 10 de Lisboa, que estabeleceram o seu acampamento de férias nesta mesma mata.

No domingo, houve um concurso de ornamentação de campos de patrulha e arrumação de tendas, a contar para o Concurso Jubileu do Escotismo, que está a decorrer com grande entusiamo entre as patrulhas do «60». De tarde, prosseguiu a competição com o concurso de macas, nós, transporte de feridos e homográfico.—*C.*

• o •

Os tempos heróicos do Escotismo

Pág. 11

Municipal de Lisboa suspenderam o trabalho. Os nossos escoteiros, em face do perigo que a falta de higiene representava para a saúde pública, andaram lavando e varrendo as ruas, mantendo o asseio da cidade. Em 10 de Setembro de 1917, na greve dos correios, que durou vários dias, os escoteiros estiveram de serviço às instalações fazendo guardas para que ninguém roubasse algum valor, e tomaram a seu cargo a distribuição e registo de telegramas.

* * *

Muitos outras casos poderíamos citar dos Escoteiros. Na medida do que nos for possível, voltaremos ao assunto. Por agora, estes simples apontamentos servirão para justificar a designação de heróicos aos primeiros anos de acção dos Escoteiros de Portugal.

ARMANDO INÁCIO

(1) — O acto que «O Século» registou já foi citado em «Sempre Pronto». Tratava se de um Escoteiro de apelido Ralão, do Grupo n.º 7. O Comandante Leote Rego mandou perguntar-lhe o que queria ele, visto desejar recompensá-lo. O rapaz disse que desejava ir a bordo para saber de um cunhado que fazia parte da guarnição. Em resposta, pela ordenança, o comandante mandou dizer que lamentava muito não poder aceder ao desejo do bravo escoteiro porque o navio se encontrava em combate, mas que podia informar que o marinheiro seu cunhado se encontrava bem e o saudava.

★ ● ★

Assinantes Patrocinadores

Recebemos mais as seguintes adesões à categoria de Patrocinadores:

Associação dos Escoteiros de Portugal — Quota anual de Esc. 50$00

Sr. Pedro Artur Afonso, de Lisboa

Recebemos também a seguinte oferta para auxílio a «Sempre Pronto»:

Sr. Rev. Eduardo Moreira 50$00

A estes nossos dedicados amigos apresentamos reconhecidamente os nossos agradecimentos.

O Jubileu da Associação dos Escoteiros de Portugal

EM MOÇAMBIQUE

A passagem do 50.º aniversário da Associação dos Escoteiros de Portugal foi devidamente assinalada pela imprensa de Lourenço Marques, facto digno de registo, porquanto, a imprensa do Continente não lhe fez qualquer referência. Isso demonstra que em Moçambique existe um forte núcleo de Escoteiros, antigos membros da A. E. P., que continuam interessados no Movimento e só esperam que lhes sejam dadas condições para ressurgir o Escotismo na província.

O «NOTÍCIAS» assinalou aquela data com uma local na segunda página, na qual se referia à fundação do Escotismo no continente e se citava o desenvolvimento que o mesmo teve naquela província ultramarina.

«A TRIBUNA» inseriu em destaque, ao cimo da primeira página, uma fotografia de 3 de Julho de 1932 do numeroso Grupo de Lourenço Marques, registando: «COMEMOROU-SE HOJE O JUBILEU DA ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL».

Só um jornal de Lourenço Marques deixou sem registo a efeméride, talvez por não ter tido conhecimento da mesma.

«Sempre Pronto», interpretando o sentimento de todos Escoteiros de Portugal, saúda a Imprensa de Lourenço Marques e agradece-lhe a simpatia dedicada ao Escotismo.

★ ● ★

Ainda a visita do comissário executivo de El Salvador

Segundo nos comunica o Sr. Eng.º Nobre Santos, o Sr. José António Barrios, comissário executivo da Associacion de Scouts de El Salvador, está interessado em corresponder-se com chefes escoteiros para troca de impressões. Esta correspondência terá certamente bastante interesse para os nossos dirigentes. O seu endereço é *Final 39. Avenida Norte. San Salvador. El Salvador C. A.*

• • o • •

Jacinto dos Reis Moniz Silva

Este nosso bom amigo e dedicado Delegado de «Sempre Pronto» nos Açores esteve de visita à ilha da Madeira e às ilhas Canárias, acompanhando um grupo de estudantes ingleses da conhecida «Charterhouse School», da qual fazem parte muitos escoteiros, que visitaram estas ilhas em missão de estudo e solicitaram a cooperação dos Escoteiros de Portugal.

O Escoteiro-chefe Moniz Silva foi superiormente convidado para esta missão, que aliás tem desempenhado já noutras ocasiões, sempre de forma a merecer os maiores louvores dos nossos visitantes.

Agradecemos as saudações que o nosso colaborador nos enviou de Tenerife.

Soluções de Julho

CHARADAS COMBINADAS

PATO
TRUTA
ULNA
HAVIA

Sol. — Patrulha

PALAVRAS AO QUADRADO

NOVA
OLAS
VALA
ASAS

ENIGMA POR PALITOS

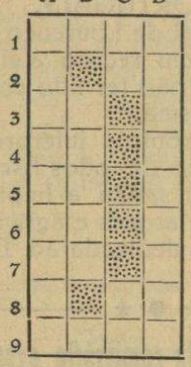
FACA

TRAÇOS POR LETRAS

TRÁS-OS-MONTES
ESTREMADURA
MOÇAMBIQUE
PORTUGAL
ALGARVE
CABO VERDE

PRÍNCIPE
MADEIRA
ANGOLA
ALENTEJO
SÃO TOMÉ
TIMOR

PALAVRAS CRUZADAS

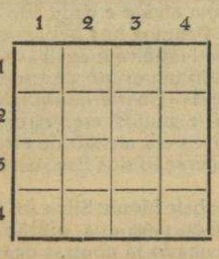


Por ter saído com deficiências, voltamos a publicar este problema.

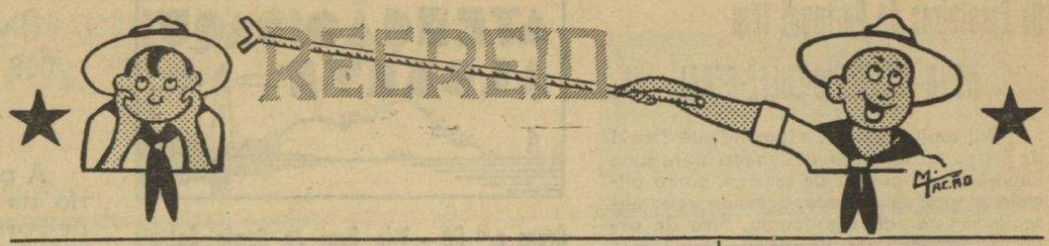
HORIZONTAIS: 1 — una. 2 — art. def. pl.. 3 — apelido. 4 — atmosfera. 5 — pedra de moinho. 6 — O (ant.). 7 — não (pop.). 8 — vácuo. 9 — metal precioso.

VERTICAIS: A — união de duas pessoas de sexo oposto. B — armadilha. C — isolado; sufixo verbal. D. — membro de um movimento de educação da juventude.

PALAVRAS AO QUADRADO



1. Nome de animal (fem.).
2. Voar.
3. Pau para se jogar o bilhar.
4. Anéis.



AS DESVENTURAS DO ZÉ ESCOTEIRO



Há já algum tempo que o nosso amigo Zé não aparece nas nossas páginas, mas julgamos que o caso não é para admirar. Também não admira que vocês andem ocupados a procurar em todos os jornais noticiário de como andam as lides escotistas sobre o Jubileu do Escotismo em Portugal e sobre o Jambori de Atenas. Escusam até de procurar, pois nem no nosso S. P. vocês encontram isso. Está tudo no máximo sigilo. Vai ser uma grande surpresa! Ai se vai!

* * *

Pois o nosso Zé foi um dia passear para uns sítios em que abundavam bastantes anúncios e letreiros. Entretido a ler o jornal, ia cantando, quando um senhor de bigode e mal encarado chegou perto dele e lhe disse com voz de poucos amigos:

— Pois o menino não sabe ler?

— Sei, sim, senhor, — disse o Zé.

— Então não lê aquele letreiro: «*É proibido fazer ruídos*» ?

— Vejo, sim, senhor, — respondeu o Zé.

— Então porque não se cala? — rabujou o homem dos bigodes.

— Ora, caro senhor, também aquele anúncio diz: *Use os Purgantes «Sulfatal»* e não vejo o senhor purgar-se.

E com uma gargalhada lá continuou a procurar notícias sobre o Jubileu da A. E. P.

A ÚLTIMA DO MÊS

Havia um escoteiro que nós conhecíamos tão contrariador... tão contrariador que, quando ressonava, em vez de fazer S... S... S... S... S..., fazia Z... Z... Z... Z...

Sabia que...

...O comprimento do tubo digestivo de um adulto varia entre 10 a 12 metros?

... A Camélia é originária da China e do Japão?

... Momentos depois do fracasso da ópera «*Barbeiro de Sevilha*», quando os artistas se dirigiram a casa de Rossini para o consolar no seu infortúnio, encontraram o compositor dormindo tranquilamente?

...Leornardo, nome de origem latina e teutónica, significa *forte e valente como um leão?*

Adivinhas populares

I

Venho vestido de frade,
Mas nunca faço oração;
Branco de neve é meu hábito
É cor de oiro o coração.

II

Uma senhora muito delicada
Dá seus passos todos iguais;
Namora-se de um mancebo
Todo cheio de sinais.

III

Que é, que é,
Que alto está, alto mora
E assim que lhe batem,
Logo chora?

Um homem passou por uma alfaiataria e reparou no seguinte letreiro que estava na montra:

Casaco e Calça...	340$00
Colete e Calça...	220$00
Casaco e Colete...	350$00

O homem fixou os preços e foi para casa para ver quanto custava um fato completo (casaco, calça, colete).

Como o homem não conseguiu achar o preço do fato completo pede se aos srs. leitores o favor de o acharem.

RUI MACEDO
Lobo Cinzento

Palavras difíceis

Sabemos que o caro leitor fica danadinho quando encontra uma palavra de que não sabe o significado e até delira quando, de entre os seus amigos, é o único a conhecê-la. Pois para que tal aconteça com mais frequência, aí vão umas quantas para ver quem sabe:

LETRA **A**

1.º — Abá.
2.º — Acadímar.
3.º — Acerbar.

Pergunfas estúpidas para gente inteligente

A — Qual é a pergunta a que se não pode responder «sim»?

B — Qual é o mês que tem 26 dias?

C — Que diferença existe entre o cágado e um barco?

A propósito da Arte!

Quais destas frases estão erradas?

1 — Miguel Ângelo esculpiu no mármore Moisés.

2 — Picasso desenhou para o «Sempre Pronto».

3 — Pierre Augusto Renoir viveu de 1841 a 1919.

4 — Salvador Dali pintou «A persistência da memória».

5 — Paul Klee pintou o quadro «Escoteiro de pé».